

Santos Oliveira



A GUINÉ NO MEU TEMPO...

Da Mobilização ao regresso



Santos Oliveira, nasceu a 29 de Junho de 1942, cursou a Escola Industrial, fez Mecânica, Desenho de Projecto e trabalhou em simultâneo.

Na EPI e CMFED, fez o CSM e Tirocínios Ranger, que foram completados no RI9/CIOE e Batalhão de Paraquedistas.

Serviu a Pátria na Metrópole e depois na Província da Guiné para onde foi deslocado, em Rendição Individual.

Indigitado pelo CEM e pelo Governador do Território, Comandou uma Secção (muito) reduzida de Morteiros Médios, na Ilha do Cômó, Cufar e Tite, tendo desempenhado plenamente todas as Missões para que foi incumbido.

Após o termo da Comissão do Pel Indep de Morteiros 912, acumulou Funções, além das Armas Pesadas, com o Gabinete de Operações do BCaÇ 1860.

“Requisitado” como Sargento Ranger de Prontidão de Sua Excelência o Brigadeiro Arnaldo Schulz, aí permaneceu até final da sua Comissão de Serviço na Província.

Semelhantemente com o tempo de Curso do CSM havia sido convidado, em cada turno, a frequentar o COM, na Prontidão era, também, convidado no início de cada Período Lectivo, a frequentar a Academia Militar. Estes “carinhos” prolongaram-se no tempo civil até perfazer 31 anos de idade.

Na Metrópole e vida civil, tornou-se Projectista. Cumulativamente e com o apoio da Empresa empregadora, cursou Relações Públicas, Comunicação e Marketing numa extensão da Universidade Católica do Rio de Janeiro, sendo os últimos anos de actividade (mais de 25) nesta área da Empresa.

Editou um Livro de Poesias com o pseudónimo **SOL da Esteva**.

Aos meus Pais, á minha Esposa e á minha Filha.
Por Dote de Sangue também aos meus Netos John e Peter.

Meus Pais foram a minha guia e não serão esquecidos.

Ao particular Amigo Mário Fitas que me incitou a que partilhasse, depois de quarenta anos de absoluto silêncio, esta pequena parte da História por mim vivida nas terras e bolanhas da Guiné.

Homenagem a todos os que deram origem ao que aqui relato, aos que o testemunham por serem parte dele, aos que sofreram (e sofrem) das mesmas dores e a todos quantos, como eu, amam a Pátria que é apenas nossa.

A GUINÉ no meu tempo...

Da Mobilização ao regresso.

Após o percurso da **Formação inicial na EPI** (Escola Prática de Infantaria) e **Tirocínios** no **CMEFED** (Centro Militar de Educação Física e Desportos), **RI 9/CIOE** (Regimento de Infantaria 9/Centro de Instrução de Operações Especiais) e **BCP** (Batalhão de Caçadores Paraquedistas), **fui colocado** (por direito de escolha) **no GACA 3** (Grupo de Artilharia Contra Aeronaves 3), em Paramos-Espinho. Foi o lugar que eu seleccionei por ser próximo da Terra Mãe.

Pelas Habilitações Profissionais Civis e Militares, fui convidado (**por imposição**) a “dirigir” a Secção Técnica localizada nos 2º andar e cúpula da Torre de Controlo, sob Comando dum Tenente do QP, que acumulava o Gabinete de Justiça da Unidade; esse era o mundo que o parecia fascinar ou era a sua vocação mais perfeita. Passavam-se largos períodos que não marcava presença na Secção Técnica e eu ia “despachando” com o 2º Comandante da Unidade, Major Pinheiro, com quem acabei por ter um relacionamento de proximidade impensável para o meu Posto de Cabo Miliciano. Ele e o Comandante, Ten Cor Castilho, iam “afirmando” que **eu acabaria o meu Serviço Militar no GACA 3**. Igual opinião

manifestava o Cap. Martins Coelho, do Conselho Administrativo (...havia sofrido um AVC e deslocava-se com muita dificuldade; o silêncio e cumplicidade do Comando manteve-o no activo até ser Mobilizado).

Comigo, nada aconteceu como o Comando vaticinava.

...Tão especial, intensa e dispendiosa Formação, para acabar por detrás duma secretária ou numa mesa de desenho, na que foi a Torre de Controlo da extinta Base Aérea de Espinho. Mas enfim... É um desabafo!



Às sextas-feiras era normal tolerância e antecipação na saída de fim-de-semana; quem estivesse de Serviço, ou nele fosse entrar, permanecia no Quartel.

Foi num dia assim, antecedente da minha entrada de Sargento de Dia.

Eu ia-me mantendo ocupado na Secção Técnica adiantando trabalho, ordenando e classificando Correio Oficial. Esta era uma das tarefas diárias.

Despertou-me curiosidade uma Nota da Repartição de Sargentos e Praças, com aparência de Mobilização (o que daquela Repartição vinha que outra coisa poderia ser?).

Abri-a.

Determinava a **apresentação imediata** (sábado) **no RAL 1** (Regimento de Artilharia Ligeira 1) do Furriel Mil. (recentemente Promovido) N° 63/F/50282, Joaquim Fernando dos Santos Oliveira.

Estava Mobilizado e não avisei ninguém.

Fiz o Sargento de Dia no Sábado e na segunda-feira seguinte apresentei a Nota ao Major Pinheiro.

Fingi-me apavorado pelo facto de já haver sido ultrapassado o Dia de Apresentação. Com a calma que lhe era peculiar disse-me que ainda havia **10 dias de Licença por imposição**, que não me podiam ser retirados.

Assim, iria ao 1° Sargento da Unidade para que me fosse emitida a Licença e concedido o abono para Fardamento Ultramarino a que tinha direito. E assim se fez.



Dez dias depois, apresentei-me no RAL 1 onde já **havia sido declarado Desertor.**

Depois dos esclarecimentos e justificações, foi **marcado o meu embarque no N/M Manuel Alfredo para o dia 10 de Setembro de 1964.**

Afinal, sou necessário sem me sentir voluntário

Não revelava que a minha Mobilização caracterizava um narcisismo Militar que, na verdade, não existia.

Eu já havia registado “esse” pensamento (ver Poema 1).

Era verdade que gostava das Forças Armadas e que o tal sentimento esteve sempre patente nas minhas acções, mas, igualmente nas **minhas discordâncias sobretudo no modo como as “Chefias” procediam relativamente aos “Civis Armados”** de quem *dependiam* para a prossecução dos objectivos e construção do Edifício que suportava o seu Estatuto.

Não aceitei os continuados *convites* (que se prolongaram, já na Disponibilidade, até aos meus 31 anos de idade) porque me exigiriam total entrega e no final apenas restaria o sentimento de ter sido usado e receber restos ou o que sobrasse. Definitivamente, **eu não era um deles.**

Tenho vivência Humanista e **os homens devem ser tratados como Homens.**

Talvez (ou também) por isso, os meus Registos Oficiais são ambíguos, maioritariamente omissos, incompletos e, ou, deturpados, porque muito pouco do que lá está escrito é correcto, de acordo com

o que tenho conseguido apurar. Estes sentimentos justificam a minha revolta e desconfiança.

A 10AGO64, havia sido promovido; senti-me orgulhoso e desapontado. Orgulhoso, por haver sido promovido. Desapontado porque iria *encalhar* no GACA 3, até ao final do Serviço Militar, como augurava o Comando.

Como já descrevi, no final desse mesmo mês de Agosto de 1964, abri a correspondência Oficial (sempre e em primeiro lugar a as Mobilizações) e deparei com a minha própria Mobilização. Tive aquele *baque* que não sei definir se de alegria ou tristeza. O filme da situação passou-me na mente a uma velocidade vertiginosa.

O trauma da notícia da mobilização, já estava interiorizado e não foi muito chocante.

**O STRESS DE GUERRA EXISTE A PARTIR DA
POSSIBILIDADE DE SE TER DE ENTRAR NELA E PARA
CADA INDIVÍDUO QUE ESTEJA NAS CONDIÇÕES
EXIGÍVEIS. NÃO É NECESSÁRIO,
OBRIGATORIAMENTE, TER-SE PARTICIPADO NA
MESMA”.**

Descrevi, ao tempo, de forma poética ambas as situações e em datas próximas embora distintas, que se completam, ou fecham o ciclo.

(1) – **PROMOCÃO** (10AGO64)

Agora, assim, Promovido,
Eu sei que fui Distinguido...
Tanto treino e saber,
Esforço, conhecimento
Para, em “**Reserva de Estado**”,
O Exército estabelecer
Ficar no GACA, enalhado.

Coerente, mas fiel,
Voluntário, eu não serei!
Com isso, eu viverei!

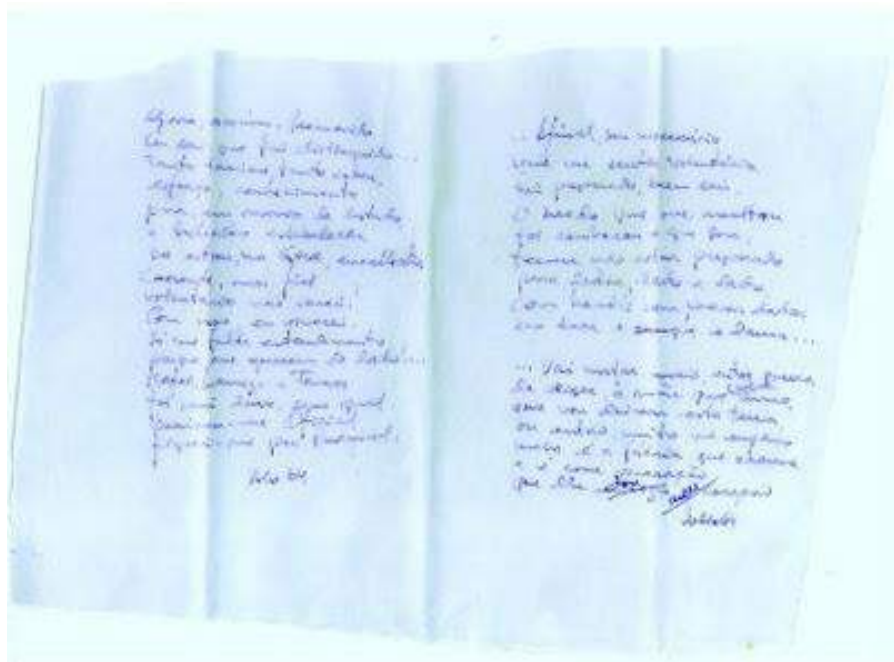
Só me falta entendimento
Porque me querem de lado!...
Mafra, Lamego e Tancos
Foi mui duro, sem igual.
Queriam-me Oficial
Fiquei-me por Furriel.

(2) – **MOBILIZAÇÃO**

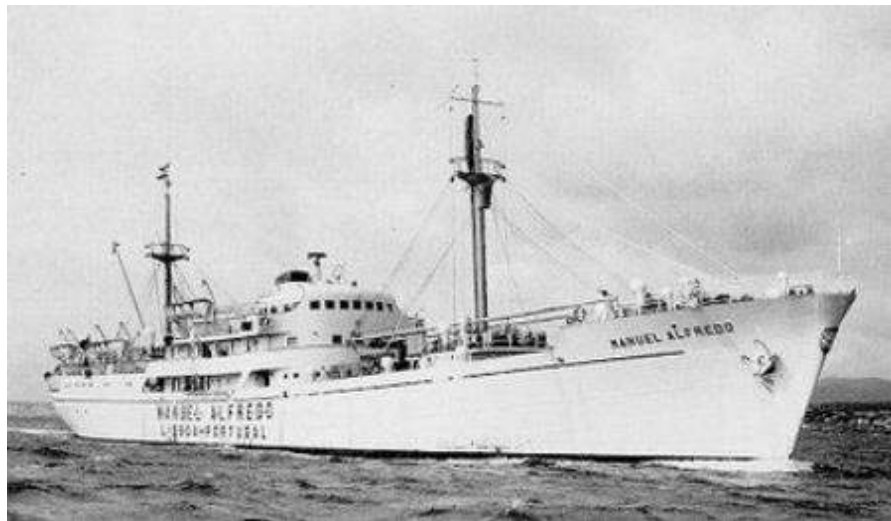
... Afinal, **sou necessário**
sem me sentir voluntário!
Fui preparado, bem sei!
O medo que me assaltou
Foi conhecer o que sou,
Temer não estar preparado
Para lutar, lado a lado,

Com Heróis com provas dadas
Em suor e sangue e lama...
... Vai custar mais, outra guerra:
Ir dizer, á Mãe que eu amo,
Que vou deixar esta terra,
Ou então muito me engano,
Mas é a Pátria que chama
E é com veneração
Que lhe dou meu coração.

30AGO64



BISSAU - O(S) MEU(S) BAPTISMO(S) DEFOGO



Cheguei a Bissau a Bordo do N/M Manuel Alfredo, no dia 19 de Setembro de 1964.

Após a transmissão de *poderes* de Comando das mais de 60 Praças (como eu, em Rendição Individual), lá fui encaminhado, com o meu *assessor*, Fur Mil Inf Carlos A.S. Costa Brito (Pel Ind Caç 956) para o QG (Quartel General), a fim de fazer as Apresentações da praxe.

Arinado
Pág. nº 779

Cont. da O.S. nº 83 de 29SET64
do C.T.I.G.

B)- Sargentos

a)-Apresentações

Que, em 19 do corrente pelas 11H00 se apresentaram neste Comando Militar vindos de Lisboa, por via marítima, a bordo do E/M MANUEL ALFREDO, onde embarcaram em 10 com guia de marcha passada pelo D. GA do ME a fim de servirem em comissão por imposição, os Sargentos abaixo mencionados, os quais passam desde a mesma data a contar 100% de aumento no tempo de serviço, sendo aumentados ao efectivo desta Guarnição e das Unidades que a cada um se indica. Para efeitos de abonos destinam-se ao Reforço à Guarnição Normal:

Ao PEL.CAC956

Furriel Mil.At.-CARLOS ALBERTO SOUZEIRA COSTA BRITO

Ao PEL.MDRT.912

Furriel Mil.Arn.Pes.-JOAQUIM FERNANDO DOS SANTOS OLIVEIRA

Próximo, como estava, da hora de jantar, apressamo-nos, mas a má organização manifesta não nos contemplava com o repasto.

Depois de algumas fricções lá nos foi concedido direito à **refeição de espinhas, com bacalhau ausente.**

Recebi comunicação de que pelas 6 horas da manhã do dia imediato teria maré e barco, para fazer a travessia do Rio Geba, até ao Enxudé (mais ou menos 14 Km).

Incompreensivelmente **não havia alojamento disponível para nos receber ...** na noite de chegada. Certamente não seríamos esperados (?) pela programação do Pessoal do CTIG.

Puxa aqui, puxa ali e lá nos disponibilizaram um colchão de palha (sujíssimo) para que pudéssemos encostar a um qualquer canto. Isto demorou imenso e a noite já começava a ser demasiado longa.

O primeiro ataque, o grande ataque, foi dos mosquitos, que nos

mantinha, obrigatoriamente alerta; também não dava para ter a cabeça debaixo do lençol, pelo calor e pela inabituação climática. Subitamente, **começaram a ouvir-se explosões e tiros isolados seguidos de umas quantas rajadas.**

Isto já não eram mosquitos!

Toda a gente corria numa desordem indiscriminável, caótica...

Depois, mais alguns rebentamentos e repentinamente o silêncio da noite.

O que acabara de acontecer não me parecia ter sido real.

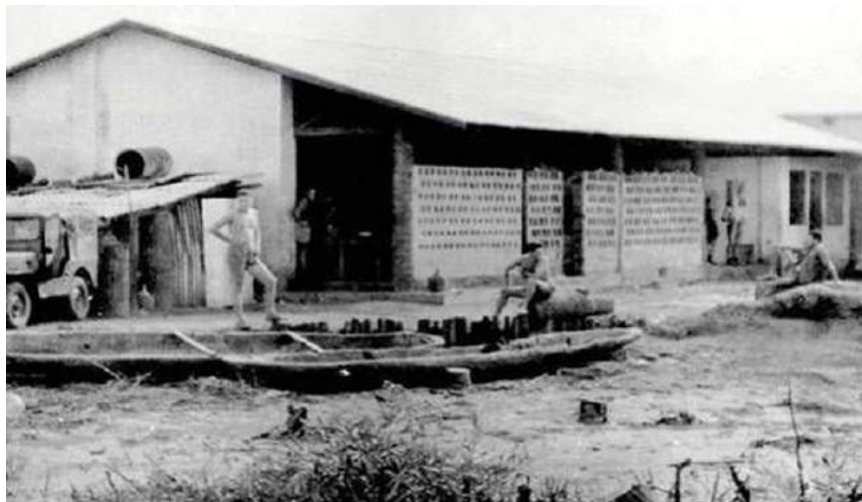
Camaradas do BCAÇ 600, estavam habituados a estas recriações nocturnas. Nós, não!

No final, sem dormir e quase na hora do transporte para o barco, fiquei a saber que as Tropas Nativas levavam para a Tabanca (Aldeamento) as suas armas e munições e o Copilão (Tabanca) não era um local muito sossegado durante a noite.

Interrogava-me: **se o IN é assim junto ao Quartel-general e em Bissau, como seria quando no Mato?**

Na hora, lá embarquei com destino a Tite.

No Enxudé tive o meu primeiro contacto com o que foi, virtual mas organicamente, **o meu Comandante, Alferes Oliveira Rodrigues, os meus Companheiros Furriéis, Cabral e Bárborá e restante Pessoal do Pel Independente de Mort 912,** que aí permanecia em Destacamento de rotação.



20 SET64 – ENXUDÉ

Havia que formalizar a apresentação, em TITE, ao CMDT do BCAÇ 237/599, Ten Cor Hipólito e Maj Dias da Gama, seguindo na coluna diária que fazia a ligação Tite-Enxudé-Tite.

Apresentado **em Tite, tudo se me deparou com o mesmo imprevisto que já havia “verificado” em Bissau, tanto na alimentação como no alojamento.** Desta feita, nem tive direito a um colchão, mas uma maca portátil de enfermaria.

Valeu-me a solidariedade dos Fur Mills Miguel Silva, José Manuel Concha e Fortunato Machado, que me improvisaram uma espécie de mosquiteiro para que não fosse *comido* pelos mosquitos.

Quando já parecia ir iniciar-se a noite de repouso, o IN veio dar as boas vindas aos novatos (--**Eu, claro!...**) atacando o Quartel.

Questionei o Miguel:

- O que fazemos, pá? Eu nem tenho arma distribuída!...

Ele disse, calmamente, para o seguir e ficar próximo.

Lá corremos a abrigarmo-nos atrás dos bidões cheios de terra até tudo terminar.

Ou não senti medo ou não tive consciência do que estava a acontecer. Mas reputo de extremamente útil e valiosa esta constatação da impreparação militar e psicológica das NT.

Isso teria de corrigir com o Pessoal que me fosse atribuído. Foi-me precioso poder ter verificado tal desempenho.



Assim, entendo haverem sido **dois batismos de fogo**, mas os factos relativos á Organização Operacional, apagaram toda a expectativa desse **momento temível**.



RTF-Messe de Sargentos no exterior do arame farpado





COMO SE CACAVAM MAÇARICOS EM 1964

A Guerra do Ultramar veio criar a necessidade de, aos Militares para aí deslocados, um fardamento adequado ao clima, de daqui amarelo-torrado.

Os que haviam seguido pelos anos de 1961/62 ainda sofreram as agruras da regulamentar farda utilizada no Contingente Metropolitano, imprópria, de fazenda feltrosa, grossa, de cor cinzenta (quentíssima cá, como seria lá?).

Foram os criadores do termo que nos era atribuído, pela semelhança da cor amarela do nosso fardamento com o **MAÇARICO**, um tipo de ave, muito comum na Guiné.

Com a renovação continuada, todos ficamos *amarelos*, pelo que somente aos novatos e inexperientes no Ultramar eram assim apelidados.

Feito o preâmbulo para se perceber que a minha chegada (a de qualquer Maçarico) era sempre aproveitada para fazer render umas quantas cervejas fresquinhas.

Após a Apresentação Oficial, tive a calorosa recepção de uma boa dezena de camaradas *rufias*, muito “atenciosos”, fossem Furriéis ou Sargentos, Milicianos ou do Quadro, que, *interessadamente*, me rodearam (**e eu sentia-me confortado e envaidecido por tanta atenção**). Perguntavam “coisas” da Metrópole, queixavam-se, **do calor do sol que era tanto forte, que até fritava sardinhas dentro dum capacete... etc.**

Céptico, mantendo a conversa, referia que jamais iria colocar o capacete, porque ao usá-lo perderia mobilidade e destreza. Eles contrapunham novos argumentos sobre regulamentos, segurança, etc. mas **voltavam ao calor e ao sol que até fritava sardinhas.**

- Queres apostar (diziam) que em cinco minutos as sardinhas fritam? **Se não fritarem pagamos cerveja a todo o teu Pelotão** que está lá em “baixo” (no Destacamento do Enxudé). **Se fritarem, pagas tu a cada um de nós**, diziam.

Lembrava-me da educação da minha Mãe quando aconselhava:

- Meu filho, quando tiveres certeza de alguma coisa, teima e teima; mas nada de apostas. Aposta é jogo.

Mas a inocência e juventude dos meus 23 anos...

Acedi.

De imediato, em chusma, conduziram-me ao do Parque das viaturas onde havia muitos bidões. Retiraram a protecção interior dum capacete que colocaram em cima de um deles, aparecendo, sei lá de onde, uma lata de sardinhas (das que faziam parte da Ração de Combate), lançaram o conteúdo dentro do capacete e marcaram o

tempo.

...**Não é que o azeite borbulhou como quando se fritar?**

Quantos, como eu, já teriam sido “caçados”? Seguramente quantos aportaram em Tite em Rendição Individual e foram imensos.

Claro que me custou “largar” os escudos da Metrópole para pagar a minha ingenuidade.

...E eu, MAÇARICO, me confesso: fui “caçado” deste modo pelos “velhinhos” dos B.Caç 237/599.



PELOTÃO INDEP. DE MORTEIROS MÉD. 912

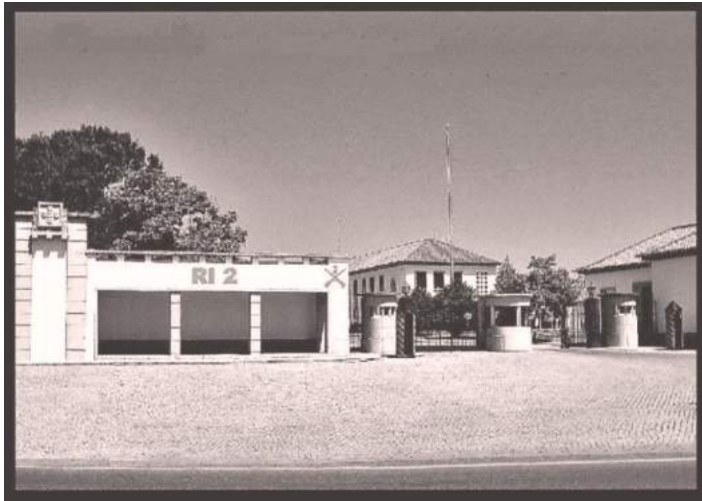


Formação e composição da Unidade:

Unidade de Mobilização: RI2-Abrantes

Partida: Embarque em 12Out63 e desembarque em Bissau a 18Out63

Regresso: Embarque em 28Out65



Alferes Mil Armas Pesadas Fernando Silva Pereira
(Cmndt **substituído por doença**, adquirida no final de 63)
Alferes Mil Armas Pesadas António Fernandes Oliveira Rodrigues
(substituto em 07Mar64)

Furriel Mil Armas Pesadas António Pires Cabral Pereira
Furriel Mil Armas Pesadas António Ribeiro Contente (**transferido
Disciplinarmente**)
Furriel Mil Armas Pesadas César Jorge Ribeiro da Costa e Sousa
(morto **por fogo amigo, em combate**, em 28Nov63)

Furriel Mil Armas Pesadas José Francisco Bárbora (subst. Fur
Sousa, em 10Jan64)
Furriel Mil Armas Pesadas/Ranger J. Fernando dos Santos Oliveira
(subst. Fur Contente, em 20Set64)

1º Cabo Nº1914/63 Apont.Morteiro Valdemar F. Alves
1º Cabo Nº1915/63 Apont.Morteiro José Alberto Robalo Dias
1º Cabo Nº1916/63 Apont.Morteiro António Gomes
1º Cabo Nº1917/63 Apont.Morteiro Abílio Neves Marques
1º Cabo Nº1918/63 Apont.Morteiro José M. Vaz
1º Cabo Nº1919/63 Apont.Morteiro Gregório Silva Lopes

Soldado Nº 2415/62 Serv.Morteiro António de Jesus Martinho
Soldado Nº 2028/63 Serv.Morteiro Carlos Oliveira Mosca
Soldado Nº 2029/63 Serv.Morteiro João Cipriano Marçal
Soldado Nº 2030/63 Serv.Morteiro João Paulo M. dos Santos
Soldado Nº 2031/63 Serv.Morteiro Amélio Fernandes

(“Barbas”)

Soldado Nº 2032/63 Serv.Morteiro Júlio Figueiredo Batata
Soldado Nº 2033/63 Serv.Morteiro Artur Rodrigues (“Frade”)
Soldado Nº 2034/63 Serv.Morteiro Manuel Gonçalves Pinto
Soldado Nº 2035/63 Serv.Morteiro Eduardo Francisco Martinho
Soldado Nº 2007/63 Serv.Morteiro José da Silva Batista
Soldado Nº 2008/63 Serv.Morteiro Manuel J. P. de Paiva
Soldado Nº 2009/63 Serv.Morteiro Manuel G. Alves
Soldado Nº 2010/63 Serv.Morteiro Jorge F. Silva Carneiro
Soldado Nº 2011/63 Serv.Morteiro Fernando dos S. Pereira
Soldado Nº 2012/63 Serv.Morteiro Herculano M. Penas
Soldado Nº 2013/63 Serv.Morteiro Aníbal P. de Sousa
Soldado Nº 2014/63 Serv.Morteiro João Martins de Oliveira
Soldado Nº 2015/63 Serv.Morteiro Adriano A Moreira
Gonçalves (**afogado em 11Out64**)
Soldado Nº 2016/63 Serv.Morteiro Joaquim J. M. de Almeida
Soldado Nº 2017/63 Serv.Morteiro Lindóro C. Vitória
Soldado Nº 2018/63 Serv.Morteiro Mário da S. Pereira

Soldado Nº 2019/63 Serv.Morteiro José Pereira da Silva
Soldado Nº 2020/63 Serv.Morteiro José A. Martins
Soldado Nº 2021/63 Serv.Morteiro Carlos M. V. Nogueira
Soldado Nº 2022/63 Serv.Morteiro Alexandre D. Teixeira
Soldado Nº 2023/63 Serv.Morteiro Jorge M. M. Mendes
Soldado Nº 2024/63 Serv.Morteiro António da Fonseca
Soldado Nº 2025/63 Serv.Morteiro José L. M. da Costa
Soldado Nº 2026/63 Serv.Morteiro Américo Moreira da Rocha
Soldado Nº 2027/63 Serv.Morteiro José de Almeida
Soldado Nº 2224/63 Telefonista Joaquim da S. Faustino
Soldado Nº 2226/63 Telefonista Carlos E. Lourenço
Soldado Nº 2227/63 Telefonista Rui de M. Matos Lopes
Soldado Nº (???) /6?) Condutor Manuel Moreira Barros
Soldado Nº (???) /6?) Condutor Adolfo Duarte Martins
Soldado Nº 2898/62 Condutor Bernardo Palmiro C. Gil
Soldado Nº 2899/62 Condutor Manuel C. Ramos
Soldado Nº 2900/62 Condutor Manuel P. Fumega
Soldado Nº 2901/62 Condutor Manuel F. Moreira

Nesta descrição não estão incluídos outros elementos assinalados no Relatório e que reforçaram posteriormente o Pelotão e também não constarem da lista fornecida pelo RI2 e esta Unidade desconhecer outros nomes e, ou, porque não foram identificados.

ACTIVIDADE OPERACIONAL

18Out63 - O Pelotão de Morteiros nº 912 rendeu em Tite o Pelotão de Morteiros nº 19.

Como Pelotão Independente, foi substituir o Pel. de Morteiros 19, em Tite, ficando integrado no dispositivo e manobra do BCac599 e, pelo Final da Comissão, no BCac1860.

Participou, com uma Secção, na Operação Tridente e, após o seu término, aí permaneceu **até 18 de Julho de 1964**, havendo sido, posteriormente, rendida por uma **outra Secção e que prolongou no apoio á CCac557 e depois á CCac728, que ocupavam a Posição de Destacamento**, na parte norte da Ilha, no **sítio do Cachil [Ilha do Como] conforme o determinado pelo Comando Militar.**

Destacam-se ainda **participações**, durante 4 meses, **desta última Secção, em Cufar** onde cooperou e **apoiou as CCav703 e CCac763.**

Regressada a Tite, **desembarçou a CCac797** [Cap Carlos Fabião], **na sequência do golpe-de-mão a Bissilão**, onde esta CCAç [no dia 12Ago65] se encontrou em situação muito delicada e desfavorável.

Do grosso do Pelotão de Morteiros, além de diversas participações em Operações colectivas [São João, Nova Sintra, Aldeia Nova, Iusse, etc.], **destaca-se a construção e defesa do Destacamento de Jabadá** e vários acantonamentos no **Destacamento do Enxudé, ponto crucial no abastecimento por via fluvial.**

(cf. Hist BCac237/599)

Relatório Final - História - Pel Mort Méd.912

COMANDO TERRITORIAL INDEPENDENTE DA GUINÉ PELOTOÃO DE MORTEIROS Nº 912

1

Resumo das actividades do pelotão no período que decorre de Outubro de 1963 a Outubro de 1965.

Nos últimos dias de Agosto de 1963 chegaram a Abrantes os elementos que haviam sido designados para a formação do pelotão de morteiros nº 912. Receberam os primeiros ensinamentos militares no R.I.10 e em seguida foram transferidos para o R.I.7, onde lhe foram ministrados todos os conhecimentos necessários à sua especialidade. Por terem sido mobilizados pelo R.I.2, dali partiram para a Guiné a 12 de Outubro de 1963. Em 18 do mesmo mês desembarcaram e nesse próprio dia chegaram a Lita. O Pelotão de Morteiros 912 ficou pertencendo ao B.Sag. 599 e rendeu o pelotão de morteiros 19 que se encontrava na província há 27 meses.

O aquartelamento em que o pelotão de morteiros 912 se instalou situava-se num local privilegiado e as instalações precárias e insuficientes para as necessidades a princípio logo foram aumentadas e melhoraram as condições. Todo o pessoal se acomodou perfeitamente aos costumes que vigoravam e facilmente se compenetrou dos deveres e obrigações que lhe incumbiam.

Em 23 de Outubro iniciaram-se a primeira saída para o mato, levou a missão de patrulhar a zona de IUSSE e ao mesmo tempo exercer um trabalho que desse à população uma inteira confiança na presença das nossas tropas.

Na noite de 26 de Novembro de 1963 deu-se o primeiro encontro com o inimigo. O Pel.Mort. levava a missão específica de montar uma emboscada nocturna a cerca de 2 km. do quartel. Antes de atingir o local e apenas a umas escassas centenas de metros do quartel, estava o inimigo. Depois de alguns minutos de fogo o inimigo retirou apressadamente. Do nosso lado houve a morte de um fuzileiro e o ferimento de um soldado num pé.

Em 7 de Dezembro de 63 teve lugar a operação JOTA na área de Jabadi e Jufámais uma vez este pelotão tomou parte da operação, usando os seus morteiros para apoio das nossas tropas.

No final de 63, 27 de Dezembro, realizou-se uma outra operação em que este pelotão tomou parte, usando novamente as suas potentes armas, protegendo as tropas avançadas. Facilitou a penetração das nossas tropas e demonstrou ao inimigo um maior poder das nossas forças. Entretanto a acção do pelotão fez-se desdobrando em saídas de reconhecimento, emboscadas nocturnas, limpeza de estradas e acção psico-social junto das populações das tabancas vizinhas. Com este contacto directo foi-se eliminando a desconfiança que os indígenas possuíam com a presença da tropa. Este estado de terror manifestava-se pela fuga precipitada para o mato logo que se aproximava da aproximação da tropa. Várias vezes o Pel.Mort. pôde verificar o estado de insegurança em que vivia a população pois a mesma fugia logo que os avistava. No entanto, foi fácil trazer toda essa gente para o nosso lado.

Em fine de Dezembro o comandante do pelotão deixou o hospital militar, donde seguiu para a Metrópole. Mais alguns elementos nativos vieram pertencer a este pelotão, oferecendo a sua colaboração.

principalmente no que respeita a dialectos. Conhecedores destes e sempre de acordo com a tropa, procuravam obter tudo o que pudesse dar indicações que levassem a uma pista certa.

No ano de 1964 desenvolveu-se a seguinte actividade.

Em 27 de Janeiro partiu uma esquadra deste pelotão para a Ilha de Gomo, levando a missão de apoiar as nossas tropas, com seus morteiros. Na zona estava instalado o quartel geral inimigo e dele espalhavam os seus elementos de subversão e distribuíam o armamento e munições para todo o sul da provincia. Apoiou sempre o avanço das nossas tropas e durante seis meses suportou privações de todo o genero. Os ataques ao aquartelamento eram frequentes dando origem a que os nossos dois morteiros trabalhassem durante longo tempo. As comodidades não existiam e só nos ultimos dias, já em local mais ou menos adequado, puderam improvisar algo que lhes facilitassem melhores comodidades. Uma segunda esquadra foi ocupar a vaga da primeira em principios de Outubro. Continuou exercendo a mesma actividade que a anterior.

Em 10 de Janeiro de 1963 chegou um fuzil que veio ocupar a vaga do falecido, anteriormente citado.

A 7 de Março de 1963 chegou o actual comandante do pelotão, tomando directamente contacto com o pessoal, assegurando todo o bom andamento deste pelotão.

No dia 31 de Março realizou-se uma longa saída juntamente com um pelotão da C.G.V. 253. Quando regressava a Fite e depois de um dia inteiro de exaustiva caminhada, o inimigo tentou fazer explodir um fuzil q ue anteriormente tinha colocado num local de passagem quase obrigatória. Não houve nada de anormal e o inimigo iniciou uma fuga rápida e precipitada, abandonando o local.

Em 16 de Julho regressou a esquadra que estava na Ilha de Gomo.

Na parte final de Agosto registou-se um aumento sensível na actividade operacional para privar o inimigo de deslocações que estava levando a efeito, mais uma vez a este pelotão prestou a sua ajuda em saídas e emboscadas constantes.

Em 11 de Agosto tentou-se fazer a ligação por estrada entre as companhias deste sector usando para tal uma columna auto e uma apçada para a limpeza e patrulhamento da estrada. A estrada foi patrulhada por este pelotão, permitindo uma segurança quase total à columna auto. Foram removidas árvores e construídas algumas pontões para que a referida columna pudesse continuar e porcuaso previsto. Chegamos ao aquartelamento já de noite sem termos qualquer contacto com o inimigo.

Na primeira semana de Outubro deu-se mais uma substituição neste pelotão, motivada pela punição de um fuzil deste, que acompanhou uma esquadra na Ilha de Gomo. Mais um novo elemento veio juntar-se ao pelotão de morteiros.

Em 11 de Outubro morreu um soldado afogado no rio Gaba, altura em q ue este pelotão foi ocupar o destacamento do Sumbé.

Em 31 de Outubro fomos novamente incumbidos de levar a efeito a mesma missão que na operação de 11 de Agosto. Mais uma vez a estrada Fite-Nova Sintra e daqui para Fulacunda, numa extensão de 8 km. foi patrulhada por este pessoal. Em Aldoa Nova, cerca de 8 km. do quartel foi detectada uma mina, previamente colocada pelo inimigo com a finalidade de rebentar a passagem de uma viatura. À frente cerca de 6 km. o inimigo esperava-nos emboscado atrás de montes de baga-baga. Com a nossa rápida e violenta reacção, rapidamente

empreendeu a fuga. A missão foi levada até final sem mais algum incidente. Chegamos ao quartel por volta das 1900 horas. Decorrido cerca de uma hora o inimigo atacou o quartel, obrigando o pessoal que se encontrava cansado a empreender mais uma defesa ao mesmo.

Em meados de Dezembro este pelotão deslocou-se novamente para o Brumado, onde permaneceu mais um mês. Foi lá passado o Natal e Ano Novo e novas esperanças se criaram para o ano de 1965.

Novo Ano principiava em 1965 e as actividades continuaram sem parar.

Em 30 de Janeiro iniciou-se a operação Braçal com forças da 8.ª de Cav. 423 uma companhia de milícia e 3 pelotões de Tite. Enquanto uns trabalhavam na preparação de instalações para fixação de um quartel outros batiam-se na frente tentando aniquilar e pôr em fuga o inimigo. Este resistiu intensamente e durante vários dias não deu descanso à nossa tropa. Todas as noites flarejava e destacamente com fogo de armas ligeiras e pesadas tentando que a tropa abandonasse o local. Em 10 dias foram enviadas para o destacamento, por parte do inimigo, 126 granadas de morteiro I 8 cm. não tendo alguma delas provocando qualquer acidente. Mas uma vez incutiu-se no espírito do inimigo que a tropa fez o que quer e não pôde mais que facilmente nos impelir de levar a efeito qualquer objectivo. Em 8 de Fevereiro este pelotão regressou a Tite.

Durante mais algum tempo o pelotão cooperou na saída de rotina, acção psico-social e esportivas.

Em 15 de Abril o pelotão foi novamente para Jabodá e ali permaneceu cerca de seis meses e meio. Durante esse tempo limitou-se apenas a defender o estabelecimento, que diariamente era flogelado pelo inimigo.

Em 23 de Outubro regressou definitivamente a Tite a fim de se preparar para emborcar em fins do mesmo mês.

Durante esta comissão foram dados seis louvores colectivos e três individuais.

Quartel em TITE, 27 de Outubro de 1965

O COMANDANTE DE PELOTÃO

Antônio Carlos de Jesus
A. J. M. L.

Transcrição, á letra, deste RELATÓRIO

COMANDO TERRITORIAL INDEPENDENTE DA GUINÉ

PELOTÃO DE MORTEIROS Nº 912

Resumo das actividades do pelotão no período que decorre de Outubro de 1963 a Outubro de 1965.

Nos últimos dias de Agosto de 1963 chegaram a Abrantes [RI2] os elementos que haviam sido designados para a formação do Pelotão de Morteiros nº 912.

Receberam os primeiros ensinamentos militares no RI10 [Aveiro] e em seguida foram transferidos para o RI7 [Leiria], onde lhe foram ministrados todos os conhecimentos necessários à sua especialidade.

Por terem sido mobilizados pelo RI2, Abrantes, daqui partiram para Lisboa, onde embarcaram no Navio Índia em 12 de Outubro de 1963 com destino à Guiné.



Navio Índia

Em 18 do mesmo mês desembarcaram em Bissau e nesse próprio dia chegaram a Tite.

O Pelotão de Morteiros 912 ficou adstrito ao BCac599 e rendeu o Pelotão de Morteiros 19 que se encontrava na província há 27 meses.

O quartelamento em que o Pelotão de Morteiros 912 se instalou situa-se num local privilegiado e as instalações precárias e insuficientes para as necessidades a princípio logo foram aumentadas e melhoraram as condições. Todo o pessoal se acomodou perfeitamente aos costumes que vigoravam e facilmente se compenetraram dos deveres e obrigações que o assistiam.

Em 23 de Outubro iniciou-se a primeira saída para o mato, levou a missão de patrulhar a zona de IUSSE e ao mesmo tempo exercer um trabalho que desse à população uma inteira confiança na presença das nossas tropas.

Na noite de 28 de Novembro de 1963 deu-se o primeiro encontro com o inimigo. O Pel. Morteiros levava a missão específica de montar uma emboscada nocturna a cerca de 2km do quartel.

Antes de atingir o local e apenas a umas escassas centenas de metros do quartel, estava o inimigo. Depois de alguns minutos de fogo o inimigo retirou apressadamente. Do nosso lado houve a morte de um furriel e o ferimento de um soldado num pé.

Em 7 de Dezembro de 63 teve lugar a operação JOTA na área de Jabadá e Jufá; mais uma vez este pelotão tomou parte da operação, usando os seus morteiros para apoio das nossas tropas. Em 27 de Dezembro de 1963, realizou-se uma outra operação em que este pelotão tomou parte, usando novamente as suas potentes armas, protegendo as tropas avançadas.

Facilitou a penetração das nossas tropas e demonstrou ao inimigo um maior poder das nossas forças. Entretanto a acção do pelotão ia-se desdobrando em saídas de reconhecimento, emboscadas nocturnas, limpeza de estradas e acção psico-social junto das

populações das tabancas vizinhas. Com este contacto directo foi-se eliminando a desconfiança que os indígenas possuíam com a presença da tropa. Este estado de temor manifestava-se pela fuga precipitada para o mato logo que se apercebiam da aproximação da tropa. Várias vezes o Pel. Mort. pode verificar o estado de insegurança em que vivia a população, pois a mesma fugia logo que nos avistava. No entanto, foi fácil trazer toda essa gente para o nosso lado.

Em fins de Dezembro o comandante de pelotão baixou ao hospital militar, donde seguiu para a Metrópole.

Mais alguns elementos nativos (a) vieram pertencer a este pelotão, oferecendo a sua colaboração, principalmente no que respeita a dialectos. Conhecedores destes e sempre de acordo com a tropa, procuravam obter tudo o que pudesse dar indícios que levassem a uma pista certa.

No ano de 1964 desenvolveu-se a seguinte actividade.

Em 27 de Janeiro partiu uma esquadra (b) deste pelotão para a Ilha do Como, levando a missão de apoio às nossas tropas, (c) com os seus morteiros. Na zona estava instalado o quartel-general do inimigo e dele espalhavam os seus elementos de subversão e distribuían o armamento e munições para todo o sul da província. Apoiou sempre o avanço das nossas tropas e durante seis meses suportou privações de todo o género. Os ataques ao aquartelamento eram frequentes dando origem a que os nossos dois morteiros trabalhassem durante longo tempo. As comodidades não existiam e só nos últimos dias, já em local mais ou menos adequado, (d) puderam improvisar algo que lhes facilitassem melhores comodidades. Uma segunda esquadra (b) foi ocupar a vaga da primeira em princípios de Outubro (e). Continuou exercendo a mesma actividade que a anterior.

Em 10 de Janeiro de 1963 (f) chegou um Furriel que veio ocupar a vaga do falecido, anteriormente citado.

A 7 de Março de 1963 (f) chegou o actual comandante de pelotão, tomando directamente contacto com o pessoal, assegurando todo o bom andamento deste pelotão.

No dia 31 de Março realizou-se uma longa saída juntamente com um pelotão da CCav353. Quando regressava a Tite e depois de um dia inteiro de exaustiva caminhada, o inimigo tentou fazer explodir um forninho que anteriormente tinha colocado num local de passagem quase obrigatória. Não houve nada de anormal e o inimigo iniciou uma fuga rápida e precipitada, abandonando o local.

Em 18 de Julho regressou a esquadra (b) que estava na Ilha do Como.

Na parte final de Agosto registou-se um aumento sensível na actividade operacional para privar o inimigo de deslocações que estava levando a efeito. Mais uma vez este pelotão prestou a sua ajuda em saídas e emboscadas constantes.

Em 11 de Agosto tentou-se fazer a ligação por estrada entre as companhias deste sector usando para tal uma coluna-auto e uma apeada para a limpeza e patrulhamento da estrada.

A estrada foi patrulhada por este pelotão, permitindo uma segurança quase total à coluna-auto. Foram removidas árvores e construídos alguns pontões para que a referida coluna pudesse continuar o percurso previsto. Chegamos ao aquartelamento já de noite sem termos qualquer contacto com o inimigo.

Na primeira semana de Outubro (g) deu-se mais uma substituição neste pelotão, motivada pela punição de um furriel deste, que acompanhou uma esquadra (b) na Ilha do Como. Mais um novo elemento veio juntar-se ao Pelotão de Morteiros.

Em 11 de Outubro morreu um soldado afogado no rio Geba, altura em que este pelotão foi ocupar o destacamento do Enxudé.

Em 31 de Outubro fomos novamente incumbidos de levar a efeito a mesma missão que na operação de 11 de Agosto. Mais uma vez a estrada Tite, Nova Sintra e daqui para Fulacunda, numa extensão de 8km, foi patrulhada por este pessoal. Em Aldeia Nova, cerca de 8km do quartel foi detectada uma mina, previamente colocada pelo inimigo com a finalidade de rebentar à passagem de uma viatura. À frente cerca de 6km o inimigo esperava-nos emboscado atrás dos montes de baga-baga. Com a nossa rápida e violenta reacção, rapidamente empreendeu a fuga. A missão foi levada até final sem mais algum incidente. Chegamos ao quartel por volta das 19:00 horas. Decorrida cerca de uma hora o inimigo atacou o quartel, obrigando o pessoal que se encontrava cansado a empreender mais uma defesa ao mesmo.

Em meados de Dezembro este pelotão deslocou-se novamente para o Enxudé, onde permaneceu mais um mês. Foi lá passado o Natal e Ano Novo, e novas esperanças se criaram para o ano de 1965.

Novo Ano principia em 1965 e as actividades continuam sem parar.

Em 30 de Janeiro iniciou-se a operação Braçal com forças da CCac423, uma Companhia de Milícia e 3 Pelotões de Tite. Enquanto uns trabalhavam na preparação de instalações para fixação de um quartel (h), outros batiam-se na frente tentando aniquilar e pôr em fuga o inimigo. Este resistiu intensamente e durante vários dias não deu descanso à nossa tropa. Todas as noites flagelava o destacamento com fogo de armas ligeiras e pesadas, tentando que a tropa abandonasse o local. Em 10 dias foram enviadas para o destacamento, por parte do inimigo, 126 granadas de morteiro I 8 cm (i) não tendo alguma delas provocado qualquer acidente. Mais uma vez incutiu-se no espírito do inimigo que a tropa faz o que quer e não são eles que facilmente nos impedem de

levar a efeito qualquer objectivo. Em 8 de Fevereiro este pelotão regressou a Tite.

Durante mais algum tempo o pelotão cooperou em saídas de rotina, acção psico-social e emboscadas. Em 15 de Abril o pelotão foi novamente para Jabadá e ali permaneceu cerca de seis meses e meio.

Durante este tempo limitou-se apenas a defender o aquartelamento, que diariamente era flagelado pelo inimigo.

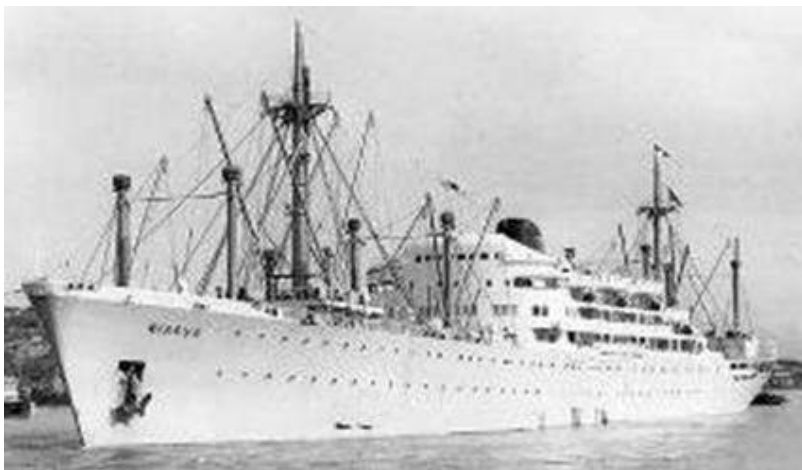
Em 23 de Outubro regressou definitivamente a Tite a fim de se preparar para embarcar em fins do mesmo mês.

Durante esta comissão foram dados seis louvores colectivos e três individuais.

Quartel em TITE, 27 de Outubro de 1965

O COMANDANTE DE PELOTÃO

Ass.: António Fernandes Oliveira Rodrigues Alf. Miliciano



em 28Out65 regressaram à Metrópole no NTT Niassa

Notas para clarificação do Relatório do Pel Mort 912:

(a) - É omissa a quantidade de elementos, serventes, integrados no Pelotão, como não são conhecidas as identidades dos mesmos.

(b) - Uma "Esquadra" corresponde a um morteiro e tem o Comando de um 1º Cabo Apontador; obviamente que se trata de uma "Secção", de Comando de um Sargento ou Furriel, reduzida, na sua composição orgânica, em elementos humanos.

(c) - Esta Secção, completamente "Autónoma", do Pel. Ind. Mort.912 destinou-se a integrar e "formar" uma **Espécie de Pelotão, que nunca o foi como tal**, assim como nunca as três **Secções de Morteiros [do PelMort912, do PelMort916, e do PelMort917]**, estiveram articuladas por um **Comando unificado** (nem tinha outro Comando que não os próprios Comandantes de Secção) sendo que **as actuações no terreno, eram dependentes das solicitações, directas, de Apoio de Fogo**, das Forças em presença, e **desencadeadas** conforme as necessidades **no decurso da Operação Tridente**.

O Comando (???) foi uma fugaz e única aparição pelo tempo que mediou uma maré, do Alf. Leal Mendes, comandante titular do PelMort916 (adido ao BCac600). Este foi o único dispositivo de Armas Pesadas/Morteiros 81, que poderia constituir um Pelotão e, como tal é tomado, para operar em toda a Operação Tridente.

Não foi, Organicamente, um Pelotão de Morteiros do BCac600 (como pretendem fazer passar na História)

A deslocação da Secção, seria a que durasse toda a Operação, o que não aconteceu. Terminada que foi, inexplicavelmente [nunca ninguém o esclareceu], a **Secção continuou no Cachil [Ilha do Como]**, abandonada à sua sorte, enquanto as restantes Secções dos outros Pel. Morteiros regressaram às suas Unidades de origem,

fixadas nos quartéis onde estavam Adidas [**PelMort916 no BCac 600 - DAG-Bissau e PelMort917 no BCac506 - Bafatá**]. Este abandono real e consciente [ou inconsciente], acabou por dar **origem á insubordinação** (consciente e calculada) **do Furriel comandante da Secção resultando na concretização do seu desejo pessoal de, por via disciplinar, beneficiar da respectiva transferência de Unidade**, o que veio acontecer, **conforme estava previsto no RDM**, livrando-se, assim, do lugar e das sinistras e penosas condições de sobrevivência. Deste modo, como consequência da falta de Comando, o restante pessoal que compunha a **Secção regressou a Tite em 18 de Julho de 1964**; de outro modo, a substituição provável (?) bem poderia considerar-se o dia 27 de Novembro e em conjunto com a CCac557, rendida que foi pela CCac728.

(d) - Tão-somente o desbaste da mata [sem ferramentas apropriadas] e a construção da paliçada, qual forte do faroeste. De resto, as condições mantinham-se inadequadas e desumanas como antes.

(e) - **O Destacamento** [de Comando autónomo, tal como o anterior] **teria a duração de 3 meses mas** que, por “*continuado esquecimento*” do comandante, **se prolongou até Junho de 1965**, sem que ao longo de todo o longo período houvesse um único contacto ou sido dado provimento a qualquer dos inúmeros e legítimos anseios a solicitar substituição.

(f) - Evidente ser referido a 1964.

(g) - Com precisão, no dia 20 de... Setembro.

(h) - Omisso o nome, mas que se tratava de Jabadá.

(i) - Considere-se morteiro de 82mm.

RENDIÇÃO INDIVIDUAL

Furriel Mil Armas Pesadas/Ranger, JF dos Santos Oliveira



No **29 de Agosto de 1964** - Fui **mobilizado** pelo RAL1 [Sacavém] no regime de **rendição individual**, com destino ao Pel. Independente de Morteiros 912.

Embarque, em Rendição Individual, a 10 de Setembro 1964, e oito dias no N/M Manuel Alfredo, a magicar sobre Guerra que ainda não conhecia na prática e levando sob Comando noventa praças que foram distribuídas por Cabo Verde e a maioria para Bissau.



Apresentação no **CTIG** no **19 de Setembro de 1964**, embarcando de madrugada para **Tite** com destino ao **Pel. Mort 912**, adido ao **BCac599**



Tite, Set64 - aquartelamento visto das traseiras, confinantes com o aeródromo em terra batida



Tite, Set64 - arruamento principal, defronte ao aquartelamento



Tite, Set64 *Masse de Sargentos (exterior ao Quartel) Mastro da Bandeira e Cavalo de Frisa*

Apresentado no Batalhão, ao Ten Cor Carlos Barroso Hipólito e ao Maj. Agostinho Dias da Gama.



Quartel de Tite, Set64 - mastro da Bandeira, cavalos de frisa “no enfiamento da Porta d’Armas e abrigo para do posto da guarda

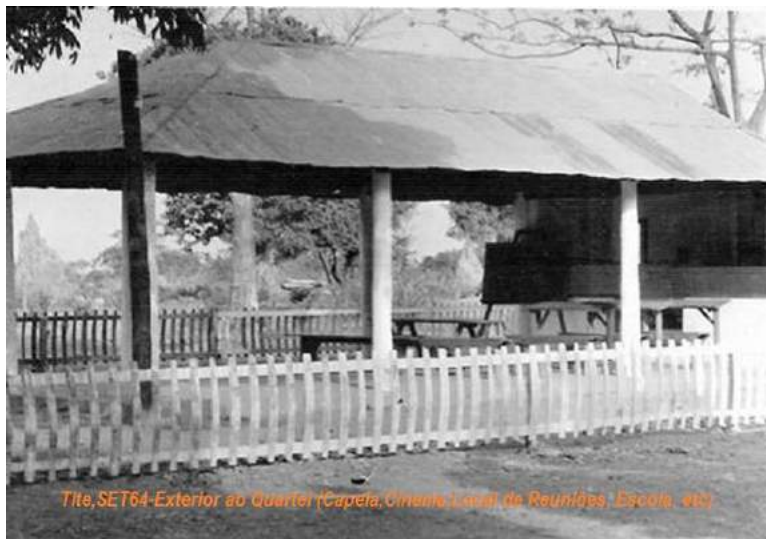


Tite, Set64 - secretaria, vista da principal rua exterior

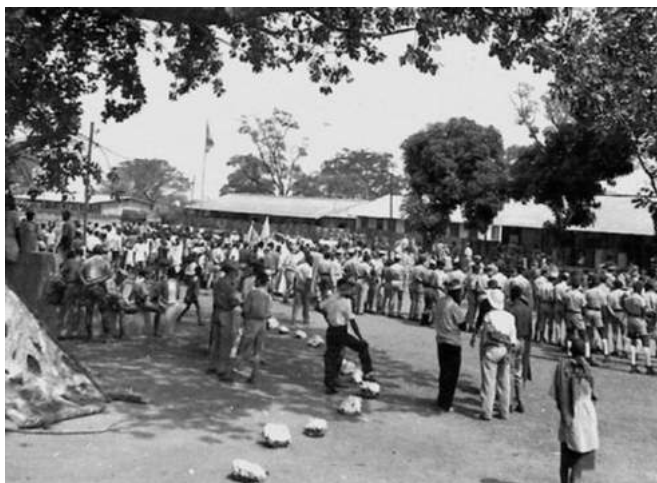


Tite, Set64 - edifícios do CTM e instalações dos Praças, ao lado do enfiamento da Porta d'Armas. Na frente os bidões com terra, para

protecção dos roquetes e armas ligeiras, (já que a frente era aberta para o arame farpado), rua, messes e o início das matas de Tite



Capela de Tite, Set64



Tite, Set64 - Dia de "Ronco" (Festa), inauguração do novo Posto Administrativo vista parcial da frontaria de edifícios do Quartel



Tite, Set64 - Dia de "Ronco", inauguração do novo Posto Administrativo: presentes autoridades administrativas, militares e religiosas



Tite, Set64 - Dia de "Ronco", inauguração do novo Posto Administrativo. Em 1º plano, o 2º Cmdt do BCac599 Maj Agostinho Dias da Gama



Tite, Set64 - Dia de "Ronco", inauguração do novo Posto Administrativo, o comando militar passa revista a tropas em

Parada. De uniforme nº1, o Cmdt do BCac599 Ten Cor Carlos Hipólito; e o oficial de Inf Op Cap Monroy Garcia



... e **meninos da Escola de Tite**, cantando sob a bênção do Alf Capelão Fernando B. Miranda, do BCac599

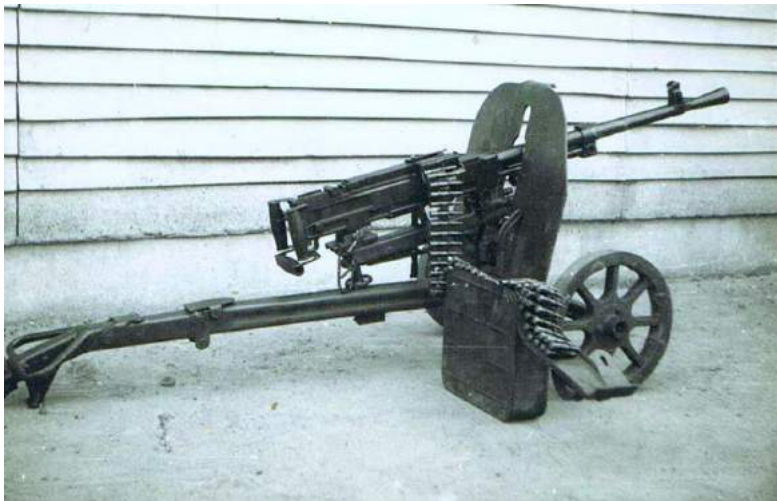


Tite, Set64 - o novo Posto Administrativo, após inauguração



Tite, 1964 - granadas de morteiro, de RPG2, de RPG7 e cunhetes, tudo capturado ao IN: (cf. Furriel Miguel Silva), esta “colheita” terá sido feito junto à tabanca de Canjabel, perto da estrada de Nova Sintra para Fulacunda, provavelmente com destino a Jabadá ou àquela região





Tite, 1964 - metralhadora pesada, capturada ao PAIGC



DESTACAMENTO do ENXUDÉ, Set-Out64

O Enxudé é um povoado Balanta, a nor-noroeste de Tite e ribeirinho de um canal do Geba e entrada fluvial fundamental da Região.

Fui encaminhado para o **Destacamento instalado junto à ponte-cais**, no qual se revezavam, em descanso operacional por períodos aproximados de 30 dias, Subunidades ou miscelâneas de Subunidades a nível de Pelotão, e onde na altura estava parte do Pel Mort 912, ali havendo eu permanecido uns 10 dias.



Ponte-cais no canal do **Enxudé, Out64** - militares do BCac599 e do PelMort912



Enxudé, Out64-jovens crocodilos sobre a Ponte Cais, a aquecer...



... “Maçarico” na ponte-cais do **Enxudé, Out64**



Bolanha do **Enxudé, Out64** - pescadoras, de peixe-gato ou... do que viesse à rede.



Enxudé, Out64 - patrulha em visita à **tabanca de Iusse**



Enxudé, Out64 – maçarico e periquito: o militar e o pássaro

CACHIL (ILHA DO CÔMO), NO RESCALDO DA OP TRIDENTE

Out64-Fev65 - Uns dias após o meu regresso a Tite recebi ordem para me deslocar, numa **Missão de 3 meses, com uma Secção reduzida**, para o **Cachil (na Ilha do Como)** de onde havia regressado a Secção do Furriel Contente, que havia participado na **Op Tridente** e que, por ter o seu tempo prolongado indefinidamente, se insubordinou [amigavelmente com um conterrâneo Oficial Miliciano], havendo sido transferido (compulsivamente) para o BSM-Bissau.

Fui o “indigitado” pelos dois Furriéis e pelo Cmdt de Pelotão. Ante a “Ordem” procurei “*criar*” uma Secção (2 Cabos e 8 Soldados com que fui dotado em Pessoal) que fosse homogénea e coesa na vertente social; da parte técnica trataria e agilizaria com a minha formação, o que foi conseguido com imenso êxito e com a excelente colaboração humana de cada um dos elementos.

Parti para Bissau com o respectivo Equipamento (3 Morteiros 81 e o armamento ligeiro de dotação) para **me apresentar a SExa o Chefe do Estado Maior (CEM-CTIG) Ten Cor Rebelo de Andrade que me Ordenou** (verbalmente):

- 1) - **A posição do Cachil** é vital para as NT; por isso, teria de usar todo o potencial Humano e Material, com critérios que eu próprio estabeleceria;
- 2) - **Operacionalmente, reportar-me-ia exclusivamente a SExa** e ninguém interferiria comigo;
- 3) - Que no exterior me aguardava um condutor, para me transportar ao Palácio do Governo, a fim de receber o aval de SExa

o Governador e Comandante Militar (CTIG) Brigadeiro Arnaldo Schulz.



SE o Brigadeiro Governador e Comandante Militar, informou que, tudo quanto o CEM-CTIG tinha dito, era para ser cumprido, continuando como “Ordem verbal”.

Foi-me fornecida vasta Informação classificada e outro material específico como Fotografias aéreas que “interiorizaria” e destruiria antes de colocar o pé no Cachil, o que foi feito, já no Canal do Como, ainda dentro da LDM 501.

As Cartas topográficas seriam para utilização Operacional.

CACHIL-ILHA DO CÔMO

A primeira impressão...



Cachil, Nov64 – “avenida” do porto num piso/picada de troncos, de través sobre lama do tarrafo, desde o cais ao “cavalo de frisa”

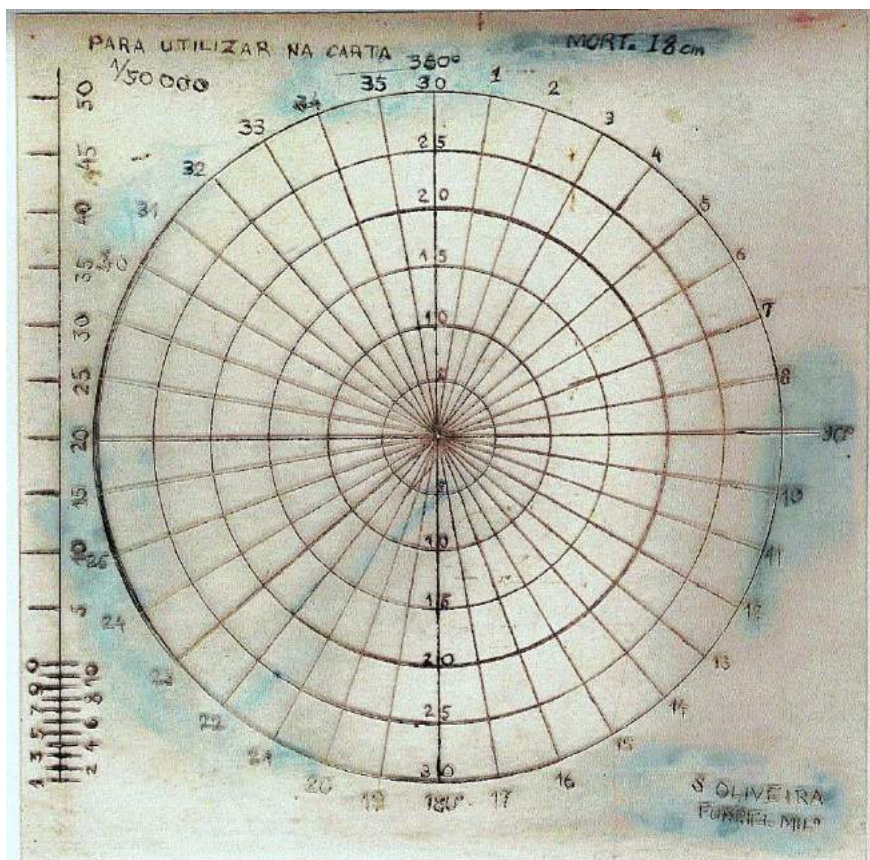


Acantonamento do Cachil, Nov64 - instalações do comando da CCac557 (e depois a CCac728) e cozinha, servindo como messe de Oficiais e Sargentos



... Instalações de luxo

Após ter analisado todas as probabilidades da situação militar e do terreno, aliei os conhecimentos adquiridos e aperfeiçoados, estudei



Transferidor de Tiro, elaborado pelo Fur Mil Santos Oliveira usado no Cachil após a Op Trident (depois oficialmente adaptado pelo EP (Exército Português) e actualmente se denominará M10)

No Cachil, se exceptuássemos as Rendições cíclicas de Subunidades, éramos flagelados quase todas as noites. Já nem dávamos grande importância.

Mas era-me muito “útil” para açambarcamento de munições de morteiro, já que eram fictícios os números de disparos que Relatava para reposição e que resultava do seguinte raciocínio:

- Estamos completamente à nossa sorte. (Como se veio a comprovar a 16NOV64)

- A assistência da LDM (Lancha de Desembarque Média) só viável durante o dia e no período da maré.

- Os Meios aéreos, *in extremis*, poderiam apenas fazer Apoio de Fogo, de dia, mas a verdade é que jamais se vislumbraram (pós OP Tridente) no espaço aéreo do Cômoo.

Fizemos abrigos subterrâneos para “esconder” as nossas munições.



Cachil, Nov64 - abrigo primário anti bomba, que dava acesso a um paiol subterrâneo, dissimulado, da Secção do PelMort912

De Portugal apenas se captavam a Emissora Nacional e a Rádio Clube Português, em onda curta e com interferências continuadas, o que as tornava quase inaudíveis. Outrossim, **ouvíamos alternadamente** e em quase todo o tempo **as Rádio Moscovo, Rádio Portugal Livre [instalada em Praga] e a Rádio Voz da Liberdade [a partir de Argel]** e desde data recente, **apresentada por um ex-militar português que havia desertado**, segundo informações oficiais da altura.

Oficialmente, era proibido escutar estas emissoras, mas o facto é que ali se ouviam algumas verdades; era só separar o trigo do joio.



Cachil, Nov64 - vista do acantonamento para nordeste; ao fundo, a “camarata”(?) da Secção do PelMort912

O ATAQUE QUE NINO VIEIRA, COM APOIO DE CUBANOS, REPUTOU DE RADICAL E DECISIVO

Pelas **19:25 de 16 de Novembro de 1964**, estampados no escuro do céu, avistei, de forma difusa, dois charutos que aparentavam cigarros acesos, atirados ao ar desde o fundo do aquartelamento.

Como que acordei.

- Fogo! Rápido! Foi a Ordem.

Os objectivos estavam todos planeados para obstar a continuação do fogo de morteiro IN. E assim foi. Mas o caso era muito mais sério. Haviam **deslocado para a orla da mata muitas metralhadoras pesadas [incluindo quádruplas destinadas a tiro antiaéreo], que nos fizeram lembrar que o pior estava para vir. A densidade de fogo era tamanha, que a iluminação e as antenas do posto de transmissões foram destruídas.**

Conseguiram introduzir metralhadoras pesadas dentro do perímetro interior do arame farpado [30 e 60 metros, onde havia barreiras].

Os nossos Morteiros estavam a esquentar.

Chuva miudinha molha-tolos e as calças completamente secas. Demos o nosso melhor fazendo tiro, a olho [e ouvido], para os locais em que as pesadas “cantavam” e chegámos ao incrível e perigoso, fazendo fogo para as “pesadas” que já estavam dentro do nosso perímetro de segurança.

Tinha os morteiros sobreaquecidos, alaranjados... E o esperado aconteceu: uma granada não percutiu.

Despi o blusão do camuflado para retirar a Arma do espaldão e logo fui substituído pelo Cabo e dois Soldados, que me pediam para continuar com os outros dois morteiros.

A munição foi retirada com sucesso; no entanto, por precaução, mandei colocar a arma fora de serviço. Quando arrefecesse, logo se veria.

Durante os 72 dias da Operação Tridente, a maior operação das Campanhas de África, foram disparadas um total de 550 granadas.

Nas 2h20m deste ataque, ao Cachil, foram disparadas 216 granadas...

Pode imaginar-se o como será o Inferno?

Naquele ritmo de fogo, não fôra a “*batota calculada*”, apenas nos restariam munições para uns 15 minutos.

Repentinamente, o silêncio expectante e caricato na noite africana.

Aguardámos algum tempo e tentámos, no meio de escuro e sepulcral silêncio, retomar o nosso ritmo normal, mais vigilantes pela falta da iluminação, que havia sido destruída.

Voltamos ao noticiário da Rádio Voz da Liberdade prestes a começar quando **uma gargalhada monumental ecoou no escuro da noite.**

...Afinal, a maioria das nossas Tropas escutava as Rádio proibidas! Manuel Alegre (o tal locutor) declamou: **”A Ilha do Como acaba de ser libertada. As tropas colonialistas foram completamente derrotadas. Não há sobreviventes.”**

...Era para rir? Estou **Morto? Estamos todos Mortos?**

Nino Vieira comunicou mal o resultado do seu ataque ou estava mesmo convicto que nos arrasaria.

Naquele dia, a Rádio Voz da Liberdade, havia sido extremamente suave e comedida no seu estilo linguístico.

Isso fez-me estar mais atento e resultou.



**“Tropas colonialistas” do Pel de Morteiros 912 que
"morreram"(???) na noite de 16Nov64... Na voz de Manuel
Alegre.**

**De pé: Soldados João Marçal, João Paulo, Manuel Pinto,
1ºCabo António Gomes, Fur Santos Oliveira**

**E em baixo: 1ºCabo Abílio Marques e Soldados Amélio
Fernandes, Carlos Mosca, Eduardo Martinho, Artur Rodrigues
(ausente na foto o Sld Júlio F. Batata, activo participante e
fotógrafo)**



Cachil, Nov64 - 1ª esquadra



Cachil, Nov64 - 2ª esquadra do PelMort912



à dt^a na foto, Fur Santos Oliveira c/placa “Foram só 216 granadas”; e à s/dt^a Soldado Carlos Mosca c/placa “16-11-1964”



Cachil, Nov64 - durante a noite de 16, “foram só 216 granadas”

CATIÓ ESPANTOSO!

Catió viu os clarões (eram menos de 6 km, planos e em linha recta), ouviu os rebentamentos e **nada fez, mesmo com um Pelotão de Artilharia de obuses de 8.8 que daquele mesmo lugar fez apoio e cobertura á Op Tridente desenrolada meses antes naquela Ilha? Nem para desmoralizar o inimigo? MAS NÃO FEZ NADA!**

Não haver comunicações não justificou tal procedimento. Foi abandono consciente (irresponsável) das vidas dum conjunto de Militares que, sozinhos, defenderam o Cachil.

Os Militares de Catió, nas suas bancadas mais ou menos confortáveis, comentavam entre eles:

“Não se safou ninguém!”.

O soldado Manuel Pinto em ida ao Médico em Catió testemunhou estas e outras expressões.

Os **Bravos da CC 557 e do Pel de Morteiros 912 “disseram aos homens dos Altos Comandos”, como luta o SOLDADO PORTUGUÊS**



CACHIL - O DIA SEGUINTE

No dia seguinte [manhã de 17Nov64], o balanço da flagelação IN era dantesco. Massa humana do atacante por entre fragmentos de armas, pedaços de armas, ausência do arame-farpado nas duas fiadas, a orla da mata tinha recuado 30-40mts (as palmeiras ou não tinham ramagem ou estavam partidas), apenas um corpo mais ou menos inteiro de um elemento IN, em muito mau estado, uma PPSH e, o mais espantoso, **entre três Poilões dispostos em triângulo e que formavam uma espécie de salão inexpugnável (a Morteiros) e que denominávamos Enfermaria, um Unimog recolheu duas cargas de ligaduras sanguinolentas (para queimar) e alguns apetrechos médicos.** Mais nada, porque o IN conhecia a mata e teve a noite e madrugada para efectuar a sua limpeza de corpos, feridos e armamento. Do resto, os Jagudis (Abutres) se encarregaram em muitíssimo pouco tempo.

Nas rotações das Subunidades, as coisas ficavam um pouco feias.

Relacionado com este Ataque e dias subsequentes, o 1º Cabo Op. Cripto, Nº 3374/63 Francisco de Almeida Cardoso, do Comando do Agrupamento 17, escreveu:

Meu caro Camarada

Para mim é uma honra o que escrevi sobre a tua pessoa e sobre o PEL MORT 912.

Ainda, por referência ao que se passou A posteriori da tua acção,

meu Caro Camarada, foi um tema muito controverso.

Assim:

Porque será que os obuses estacionados em Catió estiveram “calados”?

Faltavam coordenadas de tiro?

Não se acreditou na reacção da tua Secção?

Não tinham o direito de não acreditar.

*Não achas estranho que, à época **as N.T.**, apesar do arreganho dos guerrilheiros do P.A.I.G.C., **ainda mantinham a iniciativa operacional, o CMDT do 619 se tenha quedado numa inacção no mínimo incompreensiva?***

(...) Ele era (...) Tenente Coronel...

Nunca perguntaste a ti próprio *porque que é que depois do PEL MORT 912 ter regressado a Portugal o Comandante-chefe do C.T.I.G. te pôs, contra a tua vontade, (...) em Bissau?*

Sabes qual era e é a maior instituição em Portugal?

A inveja.

Por isso eu dizia: Liderar, Comandar, Inspirar Confiança não é para quem quer; e eles sabiam isso.

Sabes perfeitamente que Guerra do Ultramar, nas três frentes:

Angola, Guiné e Moçambique, eram contemporâneas da Guerra do Vietname.

Quantos oficiais de patente superior à de Capitão se viu comandarem tropas em Operações nas três frentes? Nenhum, claro! (...) enquanto no Vietname as frentes de combate eram

comandadas por Oficiais Superiores e muitas vezes por Oficiais Gerais.

A guerra que travamos era uma guerra de capitães, Oficiais Subalternos, Sargentos e Praças, quase todos, uns 99%, Milicianos.

A guerra dos Oficiais Superiores era outra. (...)

*Claro que **um Furrielzito**, (desculpa o termo) **chega à Guiné a meio da Comissão de uma (PU) Subunidade, integra-se com competência e arrasta atrás de si o querer e a confiança dos seus homens, não iria cair nas boas graças da Brigada (...)***

Houve, de facto, várias mensagens trocadas e que eram relacionadas com o sucedido, entre o Cmdt do BCaç 619, o Cmdt do Agr 17 e o CEMFA.

Acredita que, nas várias situações, estivemos sempre convosco, sofremos a incerteza e choramos de alegria com o desfecho da situação.

(...) tive a honra de privar na Guiné e, mais tarde, em Moçambique, com Oficiais e Suboficiais brilhantes e não foram poucos.

Não estou aqui a escrever fazendo um frete.

*Também conheci (conheço) **um Primeiro Cabo Operador Cripto**, que **durante quatro dias e quatro noites não dormiu**, encharcou-se de cafeína até ao ponto de nunca mais na vida poder tomar a*

*bebida que mais gostava, o café. **Conseguiu (consegui) decifrar uma Mensagem do IN, o que levou a desencadear diversas Operações bem-sucedidas.***

Quando terminou a Comissão, na hora dos Louvores, ninguém se lembrou dele (...).

(...) são outras histórias.

Meu Caro Camarada, deixo-te um grande abraço (...)

Sempre ao dispor (...)

Francisco de Almeida Cardoso
1º Cabo Op. Cripto, Nº 3374/63

A Pátria, sou eu, és tu... (Poema)

Me envergonha a vaidade
E me orgulho, poder tê-la.
Esta, a Noite da Verdade,
A minha dualidade
Salvou, em vez de perdê-la,
(A Vida) na minha idade...

Valente, gente, valeu
O que vale aos vinte e três...
Infantes, melhores do que eu,
Que nesta noite de breu
Tanto porfiou e fez
Que a minh'alma cresceu...

Aqui, na ilha do Cômô
De mata densa e fechada,
E lama, e moscas, e nada...
O Quartel é um assomo
Numa frágil paliçada.

As Armas quase fundiam
De tanto fogo lançar.
Portaram-se como deviam;
Agora, vão descansar.

E eu, terei de esconder
A verdade da façanha,
Pois me houve alguma manha
Em guardar as munições
Para tais ocasiões...

Com a Lei em trinta e seis,
(Um valor pouco seguro
Para defesa no escuro)
Duzentas e dezasseis

Partiram pela Boca fora
E mandaram tudo embora...

Destroçados, acabrunhados,
Depois de muitos minutos,
(Quase na terceira hora)
Mais molhados que enxutos,
Partiram sem um lamento
Deixando, por testamento,
Não haverem mais Soldados,
No local onde me sento.

Morto não sou, porque vivo
E isto escrevo e digo!

As traições a camaradas
Não se apagam nem esquecem
Por mais ou menos palavras
Ou actos que imerecem.

A Pátria, sou eu, és tu
E não qualquer Belzebu.

Santos Oliveira

Ilha do Cômo/Guiné
17NOV64

“O MEU FURRIEL PARECE UM PASSADOR!”

Imediatamente após a detecção dos dois disparos de Morteiro IN e despoletadas as Ordens pré estabelecidas, os cerca de **36 segundos até á chegada dos projecteis, dariam para alertar os Apontadores das nossas “BREDAS”** (Metralhadoras Pesadas) que se situavam nos cantos da paliçada do lado da Mata e rodeando o Quartel.

Este era uma recriação, mais ou menos fiel dos Fortes de defesa contra Índios (quem nunca viu?) e construída de troncos de Palmeira, que, como se sabe, são moles e depois de cortados duram cerca de três meses; aquelas tinham mais que isso. Portanto, eram apenas defesa psicológica.

Era consabido que o IN só iniciaria o ataque simultaneamente com o rebentamento das suas Granadas de Morteiro.

Mercê da nossa permanente e atenta vigilância, foi perdido esse efeito de surpresa.

Na altura, nem pensei se iria, ou não, dar tempo. Corri.

Duma coisa estava seguro: **quando as granadas rebentassem, o IN já não mais teria mais ocasião para reajustar os seus Morteiros, porque quando tal acontecesse, já estariam chegando, com objectivos diferenciados, umas 9 a 12 Granadas dos nossos Morteiros.** Na verdade, **nunca comentei e nunca o neguei** (apenas omiti) **a quem afirma terem caído duas Granadas dentro do Quartel.** Aquelas traziam a direcção correcta e na verdade,

caíram cerca de um terço do espaço da Parada (Parada?).

Desconheço se traziam o destino do Gerador eléctrico, o lugar mais próximo dos impactos e peça que era visível desde a Mata, nem que fosse apenas pelos fumos de escape direccionados para o ar.

Fui apanhado, em plena correria de regresso ao meu Posto e projectado para trás, uns bons dez metros. Meio atordoado levantei-me e não senti nada de especial a não ser o característico zumbido nos ouvidos, provocado pela proximidade dos rebentamentos.

Naquela escuridão e debaixo da chuvinha molha tolos, tudo continuou conforme o relatado.

Por rotina, após cada ataque, como muito bem refere o Camarada Carvalho (...)

“...Este era o furriel que depois de cada ataque vinha saber, de posto em posto, como estávamos e dizia-nos que já tinha terminado tudo, que esta já se tinha passado e outras coisas. Tinha sempre uma palavra que nunca ouvimos dos nossos alferes ou furriéis.”

Segui os Caminhos habituais. De “lanterna“ na mão (a tradicional garrafa de cerveja com petróleo e uma mecha a arder) fiz a pergunta *sacramental*:

-Por aqui está tudo bem?

Por resposta, o maior ar de perplexidade e espanto do 1º Cabo Apontador, que com o seu indicador apontado para mim e uma expressão que não mais esquecerei, disse:

- O meu Furriel parece um passador!

Olhei-me e “vi” o filme da Granada a rebentar na minha frente e nesse instante senti a DOR dos estilhaços a penetrar-me e a RAIVA de nada haver sentido naquelas longas duas horas e meia.

O Ten Médico Rogério Leitão (CCaç 557) demorou mais umas quantas horas a retirar imensos estilhaços da minha carne cauterizada que obstou a perda de sangue.

Ficou estabelecido, por minha vontade, que não seria registado por Ferido em Combate e assim foi feito.

Das Cicatrizes, ficou a moral, outra do corte (5cm) provocado por estilhaço de dimensões razoáveis e que se ficou pelo fémur, o corte do tendão que me impossibilita o movimento da falangeta no dedo mínimo da mão direita, um longo rasgão na cabeça, mas existem alguns fragmentos pelo meu corpo, mas que não se têm manifestado muitos incómodos pelo que não lhes dou outra importância.

Para mim, ao tempo, **a decisão que tomei, foi vital para as NT:**

- 1.º - **Providenciar por manter o desconhecimento, por parte do IN do haver acertado *com os seus tiros* (hipótese remota, mas, temporalmente provável),**
- 2.º - **Se a confirmação do acerto “*transpirasse*” com a notícia de ferido, era só ler os registos de Tiro da noite em causa e regular para acções futuras.**

Este, o testemunho que faltava acrescentar aos meus relatos.

NOTA: o Exército Popular do PAIGC estava em Formação em **Armas Pesadas e tinham por Instrutores/Combatentes Militares Cubanos**. Qualquer fuga de informação seria trágica para as NT (Nossas Tropas).

Este foi o desempenho e consequências de ser fiel a Ordens de SEXA o CEM e GOVERNADOR, Brigadeiro Arnaldo Schulz, que superiormente assim o havia determinado.



Cachil, Dez64 - vacas capturadas para matar a fome

A MINHA VIDA MORREU; MORRERAM OS MEUS AMIGOS (Poema)



Cachil – Como final de 1964

Num escasso tempo, somente
Amigos de toda a Vida
Partiram, sem despedida...
E a minha Alma dormente
Sentiu-se só e perdida.

A Guerra nos separou
No tempo ou no viver
E para, assim, nos perder.
...E o Guerreiro chorou

Até ao amanhecer.

Quisera ter um abraço
Sussurro ou peito amigo
Mas só silêncio restava.

O Grupo deu-me o espaço
De Filhos. Mas não consigo
Esquecer a quem amava.

Santos Oliveira

Fur Mil AP Inf.^a/Ranger



Quando empalideci, quando chorei com a notícia atroz, acabada de chegar, de que os meus dois únicos amigos de infância e juventude morreram num curto espaço de tempo, julguei não aguentar mais.

A Homenagem possível ao José Nuno G G dos Santos e ao Manuel Couto Ferreira dos Santos, agora bem mais distantes.

O AMIGO INIMIGO QUE ME VIA CHORAR

Cachil, Ilha do Cômo, Finais de Dez 64

Tinha acabado de receber notícias trágicas acerca da morte de dois amigos de infância.

Isolava-me e chorava e este sentimento de perda prolongou-se por alguns dias.

Os meus Militares iam-me vendo (e fotografando) na sua incompreensão natural.

O meu poiso escolhido era o topo da paliçada, onde fingia fazer a vigilância habitual, embora perfeitamente exposto. **Só desejava morrer.** Foi um tempo terrível.

Pelos últimos dias de Dezembro, tomei G3, umas quantas Granadas, “adornei-me” com a minha Boina negra, o meu Cinto e Lenço (azuis) Ranger, informei os meus militares de que iria dar uma espreitadela pela orla da Mata, pelo que entregava o Comando ao Cabo Gomes (nº1916/63) com a informação exacta de fazer fogo como estava previamente estabelecido. Não havia mas, nem meios mas. Seria uma Ordem para cumprir.

Um dos Soldados, o Júlio Batata (nº 2032/63), questionou-me se podia ir comigo. Resisti mas perante tanta insistência acabei por anuir. Informei que íamos por nossa conta e risco. Outros se prestaram a acompanhar-me mas recusei com o argumento de ser necessário guarnecer os Morteiros de gente porque eles (Morteiros) não se disparavam sozinhos, etc. mas acabei por aceitar um outro soldado que não recordo quem tenha sido.

Informamos o Plantão da Companhia CCAÇ 728 do que íamos fazer e partimos, com as precauções necessárias.

Chegados **próximo da Orla da Mata, encontramos um carreiro de formigas com mais de um palmo de largo, ainda a tentar refazer o seu percurso com grande afã e numa estranha confusão. Percebia-se, por baixo daquele caos, a marca duma pegada de pé descalço** que havia despoletado tal desalinho. **Foi**, de imediato, **assumido o regresso**, pois as evidências eram demasiado claras de que **estaria alguém adiante e a curta distância**.

Chegados ao Quartel, eu **constatei que havia perdido o meu Lenço**.

No amanhã se veria o que fazer.

Ao raiar do dia seguinte, o mesmo Grupo, com mais cautelas procurámos os pontos onde nos havíamos agachado ou rastejado e **encontrámos o meu Lenço com uma folha de Caderno onde se lia (em Português correcto): "TENHO-TE VISTO CHORAR"**.

Fiquei paralisado por instantes.

Voltei o papel e **escrevi: OFEREÇO-TE O MEU LENÇO**", que lá deixei ficar.

Custou-me imenso descansar aquela noite pela ansiedade que de mim se apossou. **Tinha a infantil curiosidade de tentar adivinhar o que se passava**, pois era incompreensível. **Por outro lado já havia tomado consciência do risco desnecessário que havia corrido e fizera os meus Soldados correr. Era uma lotaria, um jogo...e o jogo vicia**.

A curiosidade matou o rato, diz o ditado. Eu estava por tudo.

Queria saber se o lenço tinha sido levantado. Recusei, sem resultados, a companhia dos Soldados. Bem mais à vontade (um erro que podia ter sido fatal) dirigimo-nos ao local. Estava lá um daqueles pingalins, ou chicotes, muito elaborado, com uma mancha de sangue no punho e **um novo papel que dizia: “EU QUERIA ERA UMA BANDEIRA TUA”**. Atónito e já muito inquieto, voltei o papel e **escrevi: ”VOU VER SE O CONSIGO”**.

Regressámos mais apressados que o habitual. Era necessário ter os acontecimentos sob controlo porque doutro modo iria resultar coisa grossa.

Os restantes elementos do Pel Mort 912, começavam a questionar sobre o que íamos fazer todos os dias. Passou a ser difícil segurar o segredo. Mas dizíamos que íamos ver se havia qualquer possibilidade de haver caça.

Na mala **tinha uma bandeira de Portugal, tipo galhardete**, das que se usavam, na época, nos vidros dos automóveis. Fui buscá-la, apertei-a no peito e lá retornámos, com a promessa que seria a última vez que sairíamos, se não se encontrassem indícios de caça.

Lá chegados, fui surpreendido por um **Galhardete e um Crachá do PAIGC** e um papel que dizia: **“GUARDA E LEVA ESTA PARA A TUA TERRA”**.

Petrifiquei. Acho que **fiquei imóvel tempo demais porque os Soldados me perguntavam: “O QUE SE PASSA, MEU FURRIEL?”**.

Rapidamente, **retirei a Nossa Bandeira, Coloquei-a na estaca, escrevi por trás do papel: ”EM NOME DA PAZ”**.

Fiz Continência e todos desatámos em corrida mais ou menos desordenada para o Quartel.

Tudo se ficou por segredo solene até haver falado com o Soldado Júlio Batata que concordou fosse contado esta História.



Guiné- Região de Tombali-Cachil, Ilha do Como-Estandarte e Emblema do PAIGC oferecido por um guerrilheiro (presume-se...) por troca de uma miniatura da Bandeira Nacional.

O Galhardete e o Crachá (do PAIGC) sempre estão comigo.

O meu Companheiro de Armas do Campo oposto, que nunca vi o rosto, nem tive notícias, reconhecerá a História de que é parte.

O Pulsar do coração e adrenalina não serão mais os mesmos, mas o sentimento, esse, será sempre igual.

CATIÓ – DESEMBARAÇAR E FICAR EMBARACADO – JOÃO BACAR DJALÓ

Catió, em finais de 1964, quando aí me desloquei para assistência Médica mais especializada (urinava sangue, porque apenas bebia água transportada em pipos de vinho tinto (e que a tinto sabia e cheirava).

Estava encostado ao muro da Messe de Sargentos e vejo, vindo desde o Quartel, um Militar Nativo, que, uns dez passos antes, se perfila e me faz continência, conforme os Regulamentos.

Olhei para um lado e para o outro, não vejo ninguém ali perto, corripondi à mesma e **só então reparei que era um Alferes** (segundo os galões que ostentava). Hesitei, mas acabei por ganhar coragem e chamei:

- Oh, meu Alferes! Por favor. Eu sou quem tem de lhe fazer continência.



João Bacar Djaló

Atrás de mim uma gargalhada colectiva de vários camaradas que entretanto saíam da Messe.

-Ele não te conhece e por isso é que te fez continência, disseram.

-Porquê? - Perguntei.

-É que ele é **Alferes de Segunda Classe**.

-Segunda Classe? O que é isso? - Retorqui.

-Os nativos, quando Comandam Tropas, são uma espécie de Graduados, mas são sempre “inferiores“ aos nossos Postos.

Esta doeu-me muito e ainda me dói.

Eu, nunca tinha ouvido tal e fiquei escandalizado.

Voltei-me para o meu Alferes (de 2ª) e disse:

-Meu Alferes, quando se cruzar comigo, serei eu quem lhe faz continência. Está bem?

-Sim, meu “Furrié”.

Fiquei a saber que o que era “normal” em Portugal Continental, (não desta forma) havia Portugueses classificados com Estatuto de primeira e de segunda classe.

Era o **JOÃO BACAR DJALÓ.**

Aproveitando a oportunidade da estadia, **solicitei ser recebido pelo 2º Cmdt do BCac619, Major Jesus Correia, confrontando-o com os três meses da Missão, vencimentos, disciplina [já não cortava o cabelo há 4 meses]** e com a ameaça de agredir um qualquer oficial, porque se isso havia resultado com o meu antecessor colocado no BSM em Bissau, [Fur Mil Contente], certamente resultaria comigo.

-Não havia sido “rendido” no tempo de Comissão estabelecida (três meses), não ter obtido resposta ou comunicação do Cmdt do PelMort912 acerca do que quer que fosse, inclusivamente o

Vencimento e pré dos militares que estavam sob o meu comando.

Escutou-me com atenção.

Tive a sua promessa de que iria resolver o “nosso” problema da Comissão na Ilha do Como e a meia-verdade é que fomos “deslocados”, dois meses depois, para Cufar.



Já não era tão mau, embora fossem adicionados quatro meses ao tempo de acção operacional.

Continuei a reclamar o pré e vencimento, até que, finalmente, talvez pressionado por “*alguém com poder*”, o nosso **Alferes Rodrigues, Comandante Orgânico do Pelotão**, nos deu o ar da sua graça e **enviou os nossos bem merecidos vencimentos, mas... EM CHEQUE BANCÁRIO.**

Ficámos perplexos.

O Primeiro Sarg da CCac728 [do Cmdt Ten Proença Varão] ficou

espantado e andou pelo acantonamento com o braço erguido a mostrar o cheque.

...Só não conseguia ter um encontro, de “amigos”, com o Comandante Nino Vieira para lhe pedir o favor de descontar, o dito Cheque, lá por Conacri, onde ia regularmente.

É de loucos.

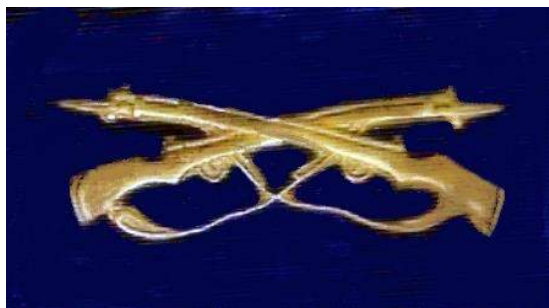


Catió, Fev1965 - com outra disposição, já aliviado da pressão do Cachil e já em trânsito para **Cufar**



Catió, Fev65 - Esquadra de Morteiros do PelMort912, junto ao obus 8.8 da BAC-CTIG que “não disparou na noite de 16 NOV64” deixando-nos á nossa sorte.

Soldados Mosca e João Marçal, Fur Santos Oliveira, 1Cabo Gomes (atrás), Soldados Martinho, Manuel Pinto e Artur



Conseguí falar ao Cmdt do Pelotão de Artilharia 8,8

Era muito claro (já o havia tentado quando estive anteriormente em Catió) que **a minha pretensão era tentar descortinar o porquê da ausência de Fogo a 16NOV64.**

Mostrei muito interesse e curiosidade pelos 8,8 e gostaria de os poder admirar conduzido por si e com suas explicações técnicas. Ele acedeu e lá fomos para junto deles. Correu tudo muito bem até que “chegamos” às munições respectivas, Curiosamente **a sua Série correspondia ao ano do meu nascimento: 1942.**

Fiz-lhe notar tal coincidência e perguntei se ocasionalmente também lhe faltava fornecimento de munições.

NÃO, respondeu! Eu ia perguntar sobre 16NOV64 mas ele cortou e **disse que me oferecia dois** cartuchos se lhe fornecesse coordenadas no Cômô. Dei-lhas, mas pelo aglomerar de militares curiosos pelo som dos disparos, não fiquei a saber se em 16NOV tiveram algum outro problema que obstasse a falta de solidariedade Militar.



CUFAR – A MUDANÇA E A CRENÇA

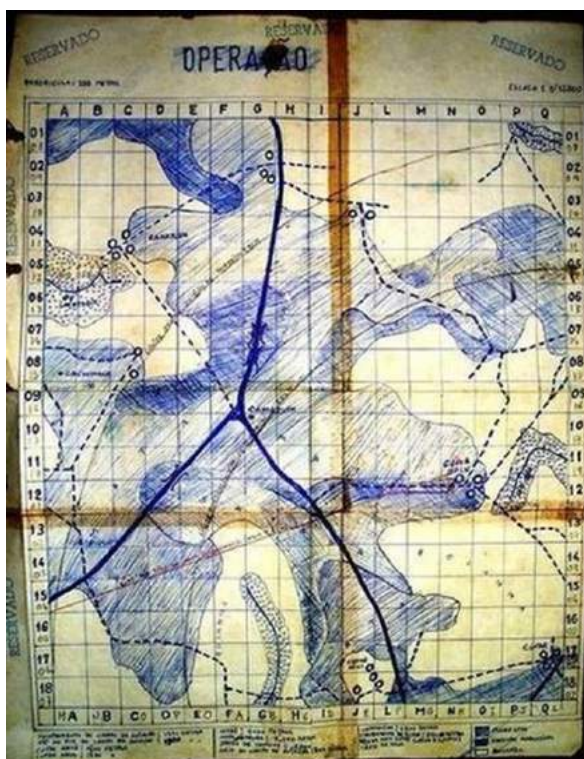
Cufar, 10Fev-14JUN65 - situada a norte da Mata do Cantanhez com o rio Cumbijã de permeio, a leste de Catió, nor-nordeste da Ilha do Como, sudoeste de Bedanda e su-sudoeste de Cabolol Balanta, Cufar era [é] famosa por ser altamente estratégica e pela sua pista de aviação em terra batida, com extensão de 1910mts e largura útil de 64mts [Bissalanca, na época, tinha extensão asfaltada de 1810 mts e foi aumentada com as necessidades, tendo 3170 mts actualmente].



Cufar, Fev65 - 1ª esquadra de morteiros do PelMort912 com militar (nome?) da CCav703

O IN tentou “jogar” com os “periquitos” (Farda Verde) da CCac763. Era sempre assim, quando as Unidades rodavam. Voltou a haver resposta adequada e o quase silêncio.

O que se passou para a frente, enquanto estive em Cufar, (entendimento meu), eram pequenas escaramuças. Quatro ou cinco granadas traziam a paz. Excepção para intervenções da CCac763, durante as quais o Destacamento do PelMort912 realizou apoios de fogo.



Cufar, Abr65 - plano de apoio de fogo à CCac763 (autoria do Fur Mil Santos Oliveira)

Comparativamente com o Cachil, a nossa estadia em Cufar, também sem qualquer conforto, foi como que de “férias relativas”, descanso, tranquilidade, paz interior...

Causei muita confusão, mesmo a companheiros com Especialidade em Armas Pesadas, a quem me via fazer fogo sem colocar aparelho de pontaria [que só era utilizado quando se alterava a posição do prato].

Já era tudo muito “*automatizado*” [não simples], porque **os trabalhos de casa eram feitos previamente**. Sempre era uma questão de geometria, pontos de referência, estacas, etc.



Cufar, 18Abr65 - militares da CCac763, do PelRecDaimler808, do DestEng447 e do PelMort912 almoço de oficiais e sargentos, comemorando o 38º aniversário do "Leão de Cufar"

Tive muitas **cumplicidades com o Capitão de Infantaria Carlos Alberto Wahnou Mourão da Costa Campos [Cmdt da CCaç 763]**, com quem tive o gosto, honra e privilégio de partilhar pontos de vista, acerca do modo de fazer guerra [firmeza, flexibilidade e humanidade]. **Foi um grande oficial** [um dos poucos oficiais que, frontalmente, valorizava e apreciava o meu trabalho e mesmo com a sua formação castrense, tinha a humildade de o dizer, coisa que só conheci em raros homens].

Tenho saudades daquela gente [CCaç 763] a quem respeito e admiro muito e que igualmente muito me acarinharam naquele lugar.



Quando havia géneros, até se comia bem...

QUASE NOS CAÇAMOS A NÓS PRÓPRIOS

Um verdadeiro dia de caça onde, por pouco, não nos caçamos a nós mesmos, em Cufar.

Cerca de Março/Abril de 65, um Grupo constituído pelo Santos Oliveira, do PMort. 912, pelo Fur. Milº Alves, chefe da Equipa do Destacamento da CEng^a 447, pelo Sarg da Sec AM Daimler e um outro Furriel (que não lembro o nome – seria o Mário Fitas?) com um conjunto de mais 14 Cabos e Soldados, “dispôs-se a ir á caça aos patos” (ou ao que quer que fosse comestível).

Ao lado e quase na extensão da Pista, havia uma bolanha, há muito abandonada, que mais se assemelhava a uma lagoa.

Deixei instruções ao Pessoal dos Morteiros; o Sarg AM Daimler deixou aos seus e para ali seguimos, **não tanto com o sentido de caçar mas de desanuiar um pouco o ambiente que sempre se vive num Quartel, na sua quase totalidade constituído de abrigos subterrâneos, sem camas, mosquiteiros ou outras benesses, mas com o Ar Condicionado ligado quer de dia, quer de noite, tal como a Natureza o condicionava.**

Se apanhássemos algo que desse para mastigar, tanto melhor, já que a massa e o feijão-frade seriam certamente o prato base. Foi um andar sem paragens, vagarosamente, para fazer render o tempo. Falava-se de tudo: das saudades, dos projectos, das ansiedades, dos desejos...

Pelo regresso, mais ou menos pelo bordo da lagoa, capim ainda macio, já a subir rapidamente e com um bom meio metro de altura, que convidava a um rebolar refrescante.

Num repente, **sem aviso prévio, os Praças que nos seguiam a uns 30/40 metros, desataram a disparar as G3, em rajada, na nossa direcção.**

Lançamo-nos de imediato para ao chão, gritando ordens de suspensão de fogo, e rastejando como nunca, continuávamos a ver os ricochetes a lamber a parte superior do Capim e isso trazia-nos á lembrança a possibilidade aterradora de sermos massacrados pelos nossos.

Quase como começou (uma eternidade depois) tudo acabou, pudera, cada um dos soldados havia acabado de despejar os seus 5 carregadores! Mais não tinham, Graças a Deus.

Só que, agora **o alarido era tremendo.**

O que terá acontecido, interrogávamo-nos?

Quase de imediato ficou tudo esclarecido.

Uma Grande Jibóia, a quem devemos ter incomodado com a nossa passagem (os quatro Graduados), elevou-se um metro acima do Capim “a lamentar-se haver perdido a perninha de um de nós”.

A reacção dos Militares que nos precediam foi espontânea, embora impensada. Estávamos na linha e no enfiamento de tiro. Não havia por onde sair com a rapidez necessária. Eles nem “ouviam as Ordens de Cessar-fogo”.



Embora eu tenha sido um dos intervenientes nesta Aventura, os Caçadores, estiveram em vias de ser caçados pelos seus “pares”.

Uns 400 metros adiante, no início da Pista e entrada do Quartel, já nos aguardávamos, praticamente, tudo o que sobrava da CCaç763 e Adidos.

Por mim, **ainda hoje sinto o gelo daquela pele, nas costas do meu dedo** indicador.

Foi um Ronco fotográfico ao, e com, o Bicho. Para mim, ou comigo, não!

O mais **impressionante foi ver** a arte como, com **a minha faca**, os elementos do Pelotão Nativo **cortavam finíssimas tiras, daquela carne rosada e linda, que comiam crua.**

Eu não estava à data, nunca estive durante todos estes anos e jamais estarei preparado, para tal experiência.

Fico, literalmente, com pele de galinha.

...E uma galinha seria decerto uma boa refeição a disputar: por nós e... pela esbelta e arrepiante Jibóia.

(Ehrr, fiquei enjoado, agoniado. Já nem me apetece Galinha!)



REGRESSO A TITE, CASA MÃE –
BISSAU/TITE



Cais de Bissau, Jun65 - esperando transporte, de novo, para o sul

Tite, Jun65 - Voltei à origem, não por vontade própria mas porque o tempo de comissão dos meus homens estava perto do seu termo.

Com transbordo em Bissau, regressei a Tite e aí permaneci até 29 de Dezembro, primeiro com o PelMort912 até 26Out e depois Adido ao BCac1860 e sempre em acumulação de funções de Armas Pesadas e OPERAÇÕES



As Boas Vindas ao Reino de Quínara

No dia seguinte ao meu regresso a Tite, a Patrulha que diariamente seguia á frente da Coluna com destino ao Enxudé foi surpreendida por uma estaca espetada no centro da via com um papel que dizia: **“vai ser neste pau que a cabeça do Furriel Oliveira vai estar”**.

Assinada pelo Comandante **Malam Bacai Sanhá** responsável do PAIGC na Região.

Também eu me surpreendi. O Comandante ordenou a instalação de mais um Posto de Guarda (ou Reforço) na esquina noroeste do Quartel.



Aquartelamento de Tite, Jun65 - noite de tempestade tropical



Tite, Jun65: entrada da Messe de Sargentos, verguinha pintada de preto e separada da parede “pára-balas”; Obra de Arte criada por José Soares, Fur Mil SAM da CCS/BCac1860



Entrada do aquartelamento de Tite, Ago65 - mural concebido e desenhado pelo Furriel SAM José Soares, na sequência de sugestão minha ao Cmdt Ten Cor Costa Almeida (com quem privava na Sala de Operações), destinado a barrar acesso à parada do Quartel e em particular na zona da Porta d'Armas; o **Hastear e Arrear da Bandeira eram perigosos para as NT, pois a Companhia Formava, imóvel, em exposição completa**; estes actos passaram a efectuar-se por detrás desta barreira, sendo o Mastro fixado desse lado; (a Obra de Arte, em ferro pintado de preto e de belo efeito, estava separada da parede uns 5 cm)

Abaixo, um pormenor do Mural, Obra minha: candeeiro feito com granada de morteiro Grande Potência, inerte, despojada de espoleta, cartucho propulsor e miolo (carga). Operação efectuada pelo Fur Mil Santos Oliveira





Aquartelamento de Tite, Ago-Set65: Hastear da Bandeira, frente ao novo Monumento



Aquartelamento de Tite, Ago-Set65: estação das chuvas diluvianas; em segundo plano, o novo Monumento



Aquartelamento de Tite, Set65 - oito Furriéis Milicianos:
Abrantes (Enfº da CCac797), Lages (CCS/BCac1860), Sampaio,
“baixinho” [não recordo o nome], Acácio (CCac797, prof), José
Soares (CCS/BCac1860), Santos Oliveira (PelMort912) e... [não
recordo o nome]

TITE-GOLPE DE MÃO AO BISSILÃO- **12AGO65**

Ainda hoje se fala entre os militares da CCAç 797 (muito fidelizados ao Cap Fabião) e outros elementos que á época eram adidos ao BCAç 1860 e participaram, ou foram testemunhas, nas manifestações de dor e desespero dos Camaradas que operaram na Missão, sempre em surdina, evitando enfrentar abertamente a realidade dos acontecimentos no Golpe de Mão ao Bissilão, realizado a 12 de Agosto de 1965 e que resultou nas mortes do Furriel Júlio Lemos e do 1º Cabo Enfermeiro Inácio Ferreira e ferimento perfurante, na barriga, ao Alferes Pinto Lopes.

Acumulava a responsabilidade das Armas Pesadas do Batalhão com o de Sargento de Operações.

Tanto quanto me lembro, nos dias anteriores, foram capturados elementos inimigos.

O Cap Carlos Fabião procedeu (como sempre fazia) a interrogatórios, que incluía o que podemos designar por tortura, com o fim de se “esclarecer” do que era sua opinião pré concebida.

Com os resultados assim obtidos, entrou na Sala de Operações e foi Conferenciar com o Comando do BCAç 1860, Ten Cor Costa Almeida e Major Jasmins de Freitas; foi solicitada a presença do Oficial de Informações, Cap Morujão Oliveira. Não ouvi o que foi apresentado, mas sei que era o plano para um Golpe de Mão ao Bissilão.

Teve luz verde do Comandante, com reservas manifestas do 2º Comandante e do Oficial de Operações.

Na prática, **o Gabinete de Operações, de que eu fazia parte, apenas sugeriu percursos**; todos os pormenores operacionais tiveram a direcção e iniciativa do Cap Carlos Fabião, que iria comandar e dirigir a Acção.

Cerca da hora do Toque de Ordem, **dois dos meus militares informaram-me haverem sido escalados para seguir com a CCaç 797, nessa noite, para uma Operação.**

Isto contrariava o “acordo de cavalheiros” que tinha com o Comandante do Batalhão, aquando da minha apresentação, no regresso das Missões da Ilha do Côm e Cufar, para compensar a minha (nossa) acumulação do Serviço permanente de Prevenção com as Armas Pesadas e outros, que nos foram designados para o período diurno.

Questionei o Senhor Comandante e **fui informado que “até Escriturários e Cozinheiros estavam destacados para transporte e guarda ao Bote de Borracha que a CC797 iria necessitar para a travessia do Rio Louvado”.**

Esclarecido, prontifiquei-me a “acompanhar os meus militares”. SExa disse “**que não havia um cargo de Sargento disponível para mim**” e eu retorqui que **iria como Soldado, porque havia um compromisso entre mim e os “meus” militares, de que não os abandonaria em nenhuma situação.**

Anuiu. **Tornei-me, involuntariamente, Voluntário.**

Entretanto, chegou a comunicação do QG de que a Mãe do Alf Amílcar Bastos, Comandante do 4º Grupo, havia falecido na véspera.

Ninguém, do Comando, queria enfrentar o Alf Bastos como portador da notícia.

Na ocasião, o Major Dias da Gama, 2º Comandante do BC 599 em missão de passagem de Pasta (do BC 599 para o BC 1860), prontificou-se a levar a triste nova e “dispensá-lo de qualquer actividade”, facilitando-lhe os meios adequados para a sua vinda á Metrópole, a fim de poder estar presente no Funeral de sua Mãe. Ele (Alf Bastos) recusou e fez questão firme de não abandonar o “seu Pessoal”, mantendo a sua presença na Operação programada. O Cap Fabião entendeu que ele não tinha condições psicológicas para Comandar o Grupo e nomeou (contra a vontade do próprio Alf Bastos) o Alf Pinto Lopes, para dirigir o mesmo 4º Grupo de Combate.

O Cap Carlos Fabião estava de viagem marcada para Portugal e talvez tenha precipitado as suas perspectivas ao trocar, para o dia imediato, o lugar do 1º Cabo José Fernandes, do Pel AM Daimler 807, na DO 27 que o levaria para Bissau.

Já **depois do Toque de Ordem, o Cap Fabião informou a sua impossibilidade de Comandar a Unidade por haver tido uma crise de reumático**, segundo uns, uma “queimada” nas virilhas, segundo outros, (... há outras versões conhecidas) e nomeou o Alf Pinto Lopes, que ia substituir o Alf Bastos no 4º Grupo de Combate, por Comandante da Subunidade com toda a responsabilidade Operacional.

A primeira parte da Operação foi (quase) perfeita até á aproximação da Tabanca de Bissilão.

O Guia, de corda ao pescoço, conduziu-os á proximidade dum Posto de vigia IN, provavelmente para denunciar a aproximação das NT.

Foi o caos e o inferno.

Ao fim duns minutos o silêncio tornou-se total.

Queimaram e destruíram o que era destruível na Tabanca de Bissilão.

O Chefe de Tabanca era o “prisioneiro/guia” que tentou fugir ante a reacção que se desencadeou. Foi abatido.

O regresso é contado, apenas com o que vi e ouvi do meu Posto, do lado de cá, na margem esquerda do Rio Louvado, e me causou arrepios e incredibilidade; pareciam sons duma pequena Feira.

Falava-se alto, fumava-se e viam-se as feições quando acendiam cigarros, tudo muito impróprio, inseguro, caótico, autoconfiante em demasia... indisciplina (?)

Antevia o que se iria passar na cambança e receei...

Ao fim duns minutos, tomei a decisão que poderia penalizar-me militarmente.

Tirei o bocal do radiotelefone, das mãos dum Furriel (não lembro o nome) que o operava e pedi que me enviassem, rapidamente, um Morteiro e granadas.

O Major Freitas respondeu, dizendo que estava em contacto com a Companhia e estava tudo bem e, além disso não era regulamentar falar às claras desse assunto; questionou, ainda, o porquê da minha atitude. Nesse instante, pareceu que o Mundo desabou, tal o ruído do tiroteio e das granadas dos RPGs.

Perguntou: “O que é isso?” Eu, de bocal bem levantado, respondi: “É o motivo por que pedi um Morteiro, meu Major”.

Percebeu e disse: “ O Morteiro segue imediatamente!”

Corri, como pude, pela Bolanha, até á Estrada do Enxudé, cerca da Tabanca de Fóia e aguardei largos minutos a chegada de uma Autometralhadora Daimler e uma GMC (velhinha mas

muito útil), com o meu Morteiro 81, precioso e necessário. A longa demora pelos cerca de 4 Km foi compreensível pelo ritmo dos “Pica Minas”.

A ansiedade era imensa e o tiroteio continuava crescendo do lado IN e, a cada momento, mais calado do lado das NT.



Solicitei ao 1º Cabo José Fernandes, Conductor/Apontador, que posicionasse a sua viatura de modo a cobrir a minha posição do Morteiro. Ele resistiu, com medo que ela resvalasse para a Bolanha, mas acabou por anuir e atestar que foi a melhor escolha ante a quantidade de projecteis barrados pela Daimler.

Sem aparelho de pontaria, (desnecessário por ser noite e sem referências) iniciei o fogo num semicírculo largo que ia encurtando, “a olho e ouvido”, a zona a bater, tentando (e resultou) que o IN se afastasse da área de cambança (travessia) e isso desse tempo e espaço às NT.

Neste meio tempo, os militares esforçavam-se por deixar o lodo peganhento e negro que os “acolhia” até á cintura, ao mesmo tempo que as Armas e o rádio iam ficando inoperativos e calados, por via desse lodo. O Rio Louvado, sujeito a marés, levava uma velocidade alucinante. De notar que o seu caudal, já teria baixado cerca de 2 metros após a transposição inicial.

Ter-se-ão passado os limites da resistência. O Furriel Lemos (bom nadador) atravessou a lama e dirigiu-se á água com o sentido de fazer a sua travessia. Os homens dele seguiram-lhe o exemplo e o sargento Faria (que recebeu uma Condecoração...) fez o mesmo. Gritaram-lhes Ordens dissuasoras, que não foram cumpridas... O Furriel Lemos deixou de ser visto. O seu Corpo não mais apareceu.

Por afogamento, o Cabo Enf. Inácio, teve o seu corpo resgatado dois dias depois.

Ainda, por ferimento perfurante na barriga, o Alf Pinto Lopes. 40 Anos depois, um Camarada da CCaç 797 escreveu-me este trecho: *“[...]Do lado de lá a auto metralhadora, o Oliveira e os seus morteiros davam-nos uma cobertura sem a qual não sei, ou sei muito bem, o que teria acontecido...!”*

Entretanto o Batalhão mandou meios de recolha do Pessoal e veio uma DO 27 sobrevoar a região, com o intuito de tentar descobrir os desaparecidos.

Continuei no local, sem rendição e sem qualquer gesto de apoio. Havia Pessoal no terreno que necessitava de cobertura e... eu estava lá.

Na hora de recolher ao Quartel, tive o meu banho, pequeno-almoço, almoço e jantar, tudo junto e fora de horas, consciente de ter feito o meu melhor pelas NT.

**Ninguém me perguntou nada; ninguém disse nada. Houve um suspeito silêncio. O que terá impedido as palavras?
Vergonha?**

Soube, mais tarde, pelo Comandante de Batalhão, que o Cap Fabião foi instado (por ele mesmo e pelo 2º Comandante) a propor-me um Louvor que seria por si replicado, mas ele sempre terá recusado (para não admitir culpas? Talvez...). Para remediar este lapso, fui Louvado, a 26 de Novembro de 1965, pelo Ten Cor Costa Almeida, Comandante do Batalhão de Caçadores 1860 que faz nota aligeirada da ocorrência.



Diploma de Louvor

BATALHÃO DE CAÇADORES Nº 1860


L O U V O R

LOUVO o Furriel Mil^s de Inf², JOAQUIM FERNAN-
DO DOS SANTOS OLIVEIRA, do Pel.Mort.912, porque no desempe-
nho das Funções de Comandante de Secção de Morteiros eviden-
ciou sempre reais qualidades de desembaraço, método e orga-
nização no que muito contribuiu para o trabalho de previsão
e perfeita actuação da sua secção sempre que a mesma teve
que ser empenhada.

De salientar a forma como desempenhou a sua
missão durante o golpe de mão a BISSILHO, em que actuando
em proveito da CCaç 797 conseguiu mercê da pronta actuação
bater eficazmente o Inimigo contribuindo assim para desen-
penhar as NT colocadas momentaneamente em situação muito
difficil.

É ainda de referir o contributo que deu à
Secção de Operações e Informações do BCAC onde por acumula-
ção deu reais provas de método, organização, dedicação ao
serviço e espirito de sacrificio a que sempre aliou grande
aprimo e correcção no que se tornou merecedor da estima e
consideração dos seus superiores e subordinados.
Quartel em TITE, 26 de Novembro de 1965.

O COMANDANTE,


FRANCISCO MANUEL DA COSTA ALMEIDA

TEN.CORONEL

BATALHÃO DE CAÇADORES Nº 1860

Publicado em 20 de Novembro de 1965

Cópia de Ordem de Publicação



Extracto da OS

Esta foi (é) a minha visão dos acontecimentos ocorridos aquando do Golpe de Mão ao Bissilão que, na maioria dos pontos, não coincide com as descrições que tiveram valia Oficial como o Cap Fabião fez passar nos seus Relatos e Diário.





Chegada da DO27 com correio e reabastecimentos...



À esquerda, um caça-bombardeiro T6; em primeiro plano, C47-Dakota



C47-Dakota no estacionamento



Alouette II em sobrevoa ao quartelamento



Aquartelamento de Tite, Set65 o "POLI", do Furr.Mil.Carita e que Mascote da CCaç797



Aeródromo de Tite, Set65: caçada a pato que saiu “ganga”
(Bailarina Pavonina)

JABADÁ, 15Abr-26Out65

O grosso do PelMort912, comandado pelo Alf Mil A. F. Oliveira Rodrigues, havia sido destacado para Jabadá, cerca da data da remessa do cheque para o pessoal do Cachil, segundo palavras proferidas pelo Ten Cor Costa Almeida, na altura da minha apresentação e do seu convite para colaborar e acumular com as OP na Sala do Comando.

O PelMort912 permaneceu em Jabadá pela 1ª vez um curto período (30Jan-08Fev65) em apoio à construção de instalações para um novo Destacamento, e para ali foi deslocado em 15Abr65, data em que a Secção comandada pelo Fur Mil Santos Oliveira já havia retirado do Cachil (2 meses antes) e mudado para Cufar.

Efectivamente, o grosso do Pelotão só regressou a Tite entre os dias 24 e 26 de Outubro, tendo seguido de imediato rumo ao seu embarque, em Bissau.

Não fui abrangido para regressar à Metrópole juntamente com o meu PelMort912, o qual terminou a comissão com 22 meses, pelo que fiquei órfão dos meus Militares.

Do comandante do PelMort912, **no Relatório Final, nem uma referência ao “desterro” de 11 homens, de sua responsabilidade. Para ele, nós não existimos.**

Estas, algumas **notas de circunstância** pelas quais passámos e **que fazem parte da História** daquele minúsculo núcleo (PU/Pequena Unidade), **de uma Secção de Morteiros** muito reduzida no seu efectivo Orgânico.

Muitas mais ficaram por registar. Talvez um dia...

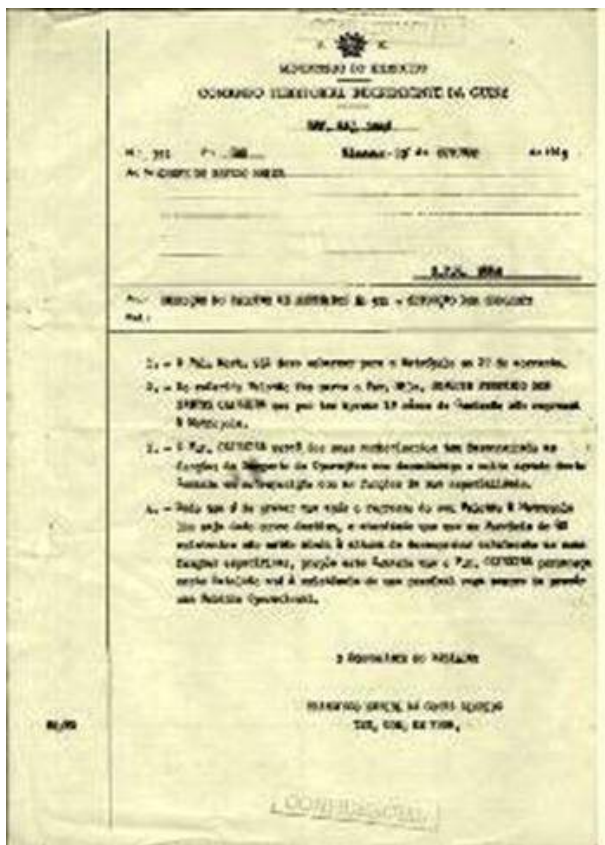
O que mais doeu com esta partida, foi a ausência de notícias, sobretudo dos “DEZ” que me foram por Família; hoje, ainda dói.



Tite, Ago-Dez65 - no gabinete partilhado (com o Cap Morujão de Oliveira, oficial de InfOp do BCac1860)

O Ten Cor Costa Almeida e o Maj Jasmins de Freitas, Comandante e 2º Comandante do BCaç 1860, esforçavam-se para que permanecesse na Sede da Unidade; eu próprio concordei. Sentia-me integrado e a falta de acção só me traria mais inquietação.

Na verdade, o Comandante do BCac1860, tudo fez para que continuasse às suas ordens no Batalhão que comandava em Tite.



Tite, 20Out65 - solicitação do Cmdt do BCac1860 para que ficasse

Nº 12550/A C O P I A 1250.1.3
 S. P. R. 19 65
**COMANDO MILITAR 1º REGIMENTO DA GUARDA
 NACIONAL DE BISSAU**
 1ª SEÇÃO
 BISSAU 19 de NOVEMBRO de 1965
 Ao 1º COMENDANTE DO BATT. CAU 1255
 PARA CONSIDERAR
 COMENDANTE DO BATT. CAU 1255.

Assunto: EXCEÇÃO DE TIPO CASO
 Relatório Nº 12550/A de 10 NOV 65

Exortação ao Ten. Cor. Rebelo de Andrade Militar de com-
 mandar a T. CAU. que conforme a/esta no referencial, foi
 colocada com a data de PARTIDA no Bat. CAU. o Forral
 Inf. JOAQUIM PEREIRA DOS SANTOS OLIVEIRA, BATT. CAU.
 Mais se exortação ao Ten. Cor. de considerar que esta
 Unidade deverá diligenciar no sentido de referido diver-
 to se apresentar no Bat. CAU. com a melhor brevidade pos-
 sível.

O Chefe de Estado Maior

FERREIRO J. S. REBELO DE ANDRADE
 TEN. COR. DO COM
 ass. Pelo Chefe de Estado Maior
 Estado
 Ten. Cor.

Bissau, 19Nov65 - determinação do CEM-CTIG

Que o Fur Mil Santos Oliveira seja presente ao BInt em Bissau.

SE a o **CEM-CTIG** entendia que o esforço por mim despendido no terreno tinha sido tremendo, pelo que havia que passar a uma zona “calma” a aguardar embarque.

O Ten Cor Rebelo de Andrade afirmava que eu já tinha demasiado tempo de permanência pelo Cachil, Cufar e Tite [zonas de intervenção muito activas], pelo que merecia descanso.

Neste braço-de-ferro, o CTIG ordenou a minha transferência para o BInt-Bissau.

Texto de um aerograma que não seguiu para os destinatários... após a partida do Pel Mort, por falta de endereços dos Militares ou seus Familiares.

Aos Pais e restante família,
namoradas, esposas, madrinhas de guerra, irmãos, filhos ou simplesmente
amigos.

Primeiros-cabos: António Gomes e Abílio Marques;
Soldados: João Marçal, João Paulo Santos, Manuel Pinto, Amélio Fernandes, Júlio
Figueiredo Batata, Carlos Mosca, Eduardo Martinho e Artur Rodrigues.

Não sei se algum dia haverá oportunidade de vos agradecer o apoio, que sempre
senti ao terem dado a esta EQUIPA DE HERÓIS, que tive a Honra de Comandar.
Também não sei, sequer, se sobreviverel, no tempo, e os voltarei a ver, felizes do
DEVER CUMPRIDO, com uma VIDA PLENA no trabalho e na Família.
ESSE SERÁ O MEU MAIOR DESEJO.

Quero que saibam que estes Companheiros, foram a minha Família comum, meus
irmãos e meus filhos, durante os dias difíceis da guerra, e que deste modo, os
tomei debaixo da minha responsabilidade total. Espero não os ter desiludido,
porque jamais os desacompanhei ou desamparei.
Foram, sempre, muito nobres, leais, correctos e interessados no desenvolvimento
das nossas tarefas ou missões, por mais perigosas ou penosas que tivessem sido.
FOI A HONRA E O DEVER QUE SEMPRE FALOU MAIS ALTO.
A eles e a todos vós, o meu muito obrigado.

Partiram e eu chorei-os como quem perde um filho.
Cá fico, mais uns tempos até ao tempo do fim.
Tenho esperanças que algum deles se lembre de mim e escreva uma palavra que
seja, para ter a certeza QUE NÃO TERÁ SIDO EM VÃO todo o nosso comum viver
em dificuldades e perigosidade extrema.

Quem sabe se um dia, após o meu regresso, possamos reencontrar-nos, matar as
muitas saudades, e sacudir os medos e traumas que todos iremos ter no futuro.
Também gostava de lhes dizer quem sou, o que sou, porque o meu estilo de
reserva e vergonha, impediu de lhes contar; SOU UM DELES, COMO ELES e disso
tenho muito orgulho.

O Pelotão de Morteiros 912, através desta pequena Secção, na Ilha do CÔMO, em
CUFAR e em TITE, foi um marco muito positivo; a Guerra quase não existia nos
lugares para onde fomos destacados. Outrossim, recomeçava quando, com
violência acrescida, quando abandonávamos essas paragens, um sinal claro do
valor desta Equipa.
O MEU LOUVOR E RECONHECIMENTO.

A todos, um bem hajam e os votos das maiores felicidades.

TITE (GUINÉ), Novembro de 1965

J.F. dos Santos Oliveira
Furriel Mil^o A. Pesadas de Inf^o/Ranger

Esta é a transcrição de aerograma que nunca foi enviado por desconhecimento dos
endereços postais e, assim, apenas foi entregue em 2007



Aquartelamento de Tite, Dez65 - saindo a Porta d'Armas



Tabanca de Tite, Dez65



Apartamento de Tite, Dez65 - frente à janela do quarto



Aeródromo de Tite, Dez65 - na cabine de um C47-Dakota, sentado na posição de 2º Piloto

BISSAU, 30Dez65-19Set66

Não foi muito pacífico o meu regresso definitivo a Bissau. Depois de alguns avanços e recuos, lá tive de me apresentar na minha nova Unidade que o não era.

Fui “aboletado” na Companhia de Depósito de Material [junto ao cemitério de Bissau], onde não tinha qualquer atribuição, nem Serviços... absolutamente nada.

Apenas era Operacional Ranger disponível do Brig Arnaldo Schulz.

Recordo-me de me voluntariar para um sargento-de-dia (em favor de um Camarada SAM, do QP, que teve uma emergência familiar).

Foi um tempo infernal com desgaste psicológico sem limites.

Escrevia, vagueava pela cidade, visitava amigos e conhecidos e, habitualmente, ficava pelo AB12/BA12, pela Companhia Móvel da PSP, ou...



Bissalanca – AB12/BA12 – Porta de Armas Jun66



Terreno fronteiro ao HM 241-Bissau, Jul66



Sé Catedral de Bissau (postal), 1966



Altar-mor da Sé Catedral de Bissau, Jul66

Fiquei em Bissau nove meses e meio, a aguardar e a "construir" ansiosamente o momento de torna-viagem. Uma verdadeira "seca". A inactividade matava-me lentamente. Sem acção militar ou de outra qualquer índole, sem nada para fazer, a capital da Guiné foi o grande tormento, o pesadelo...

Sinceramente era-me doloroso ter tanto tempo para pensar no passado, no presente e desconhecer o futuro.



Bissau, Jul66 -Praça do Império- Monum. Ao Esforço da Raça



... No muro da Associação Comercial...



...No ajardinado Central ...



... Num banco junto do Monumento...

As rendições individuais normalmente prolongavam-se no tempo, de 4 a 6 meses mais [isto é, entre 28 e 30 meses], pelo que **requeri o regresso na data final da Comissão de Serviço [24 meses], sendo a viagem paga a minhas expensas e sem dispêndio para a Fazenda Nacional.**

O meu Requerimento de Passagem á Disponibilidade no final da Comissão foi Deferido. Entretanto, apenas foi considerado para o regresso devendo a Disponibilidade ser concedida em Lisboa resultando nos constrangimentos que acabaram por acontecer.

Assim, na **2ªfeira 19 Setembro de 1966**, a expensas próprias,
Inicie o meu regresso á MetrÓpole, em voo da TAP.



Aeroporto de Bissalanca - Super Constellation da TAP, na placa de estacionamento



O MEU REGRESSO NÃO FOI INTERESSANTE NEM ROMÂNTICO.



Vista aérea do aeroporto de **Bissalanca** e da **BA12**, em 1966

Estava extremamente ansioso e **sempre a olhar para trás**. Não se me afigurava uma partida real e definitiva.

No mesmo avião um velho conhecido, o Sr. Taufik Saad (negociante Libanês), que se deslocava propositadamente a Lisboa para me persuadir, durante a viagem, a aceitar uma velha proposta de trabalho feita tempos antes. Tentou, insistiu [sem sucesso] que aceitasse o convite que já formulara tempos antes, para reconstituir e dirigir a sua equipa de segurança pessoal que ele tinha no Líbano.

Apenas queria o "método e organização" e que eu nem sequer precisava de me expor, etc., etc.

O vencimento era altamente tentador, mas não quis aceitar porque, alegava, estava cheio da guerra e, até, já havia recusado as diversas solicitações e convites feitos pelo nosso Exército, mesmo com todas as vantagens que me eram oferecidas [ele também as conhecia por outros meios] e a família me aguardava para constituir um lar.

Lá ficou no aeroporto de Lisboa a minha oportunidade de emprego. Dele (Sr Saad) nunca mais soube e tenho imensa pena. Era um Homem de excelente carácter e trato.



DEPÓSITO GERAL DE ADIDOS-Calçada da Ajuda

Apresentado no mesmo dia (19Set66) no DGA, ali fui forçado a permanecer até dia 30 de Setembro por discrepâncias relacionadas com a minha não promoção por OS, 30 dias antes, no CTIG.

Fui conduzido ao oficial-de-dia, um Tenente, com a minha Guia-de-marcha na mão. Ele olhou-a e para meu espanto, interpelou-me deste modo:

“O nosso Sargento não acha que tem as divisas ao contrário?”.

Mesmo em Sentido [que já não fazia sentido nenhum], não resisti olhar para os ombros.

Não. **As divisas de Furriel estão correctamente colocadas,** disse. Ele, muito sério, ordenou que o seguisse.

Atravessámos a parada na diagonal. Abriu uma porta, entrou e convidou-me a entrar [tudo escuro, demasiado escuro] e... a luz acendeu-se simultaneamente com **um grande grito de parabéns, em coro, de Camaradas, Oficiais e Sargentos.**

Era Pessoal que aguardava Embarque para o Ultramar.

Eu não queria acreditar.

Chorei como um velho... já o era.

Todo o tempo de Serviço Militar, jamais tive uma festa tal.

Foi-me imposta nova boina preta já adornada com o símbolo Ranger [a que usava tinha o de Artilharia da Unidade Mobilizadora] **e novas divisas** [fundo preto], correspondentes ao fardamento (modelo que foi destinado apenas ao Ultramar).

Recebi esta tão grande honra das mãos dum Sargento-Ajudante, o mais velho na idade, (aparentava uns 80 anos) e informado da minha promoção [que desconhecia por completo] um mês atrás, no CTIG-Bissau, mas cujos papéis e respectiva OS [Ordem de Serviço] não estavam de acordo.

Perante o exposto, **teria de ficar pelo DGA até resolução do problema.**

Fiquei perplexo.

... Afinal, já havia mais precedentes do género...

Oito dias depois, fui chamado ao comandante e informado do pagamento dos 8 dias de Sargento, no DGA, acrescidos do diferencial de um mês do CTIG.

Dinheiro precioso naquela altura!...

Fiquei expectante e a minha preocupação aumentou com a informação de que, **para não se criarem outros problemas**, a Guia-de-marcha do DGA seria similar á do CTIG [que indicava Furriel Miliciano] para apresentação no Posto da GNR da terra.

Naquele momento já nada interessava que não fosse a Disponibilidade e a Vida Civil.

Afinal, eu só queria ir para casa e assim se fez.

Este assunto jamais foi resolvido e do qual resta a magoada lembrança. O que sobreveio, nem surpreendeu nem foram novidades.

Tentei diversas vezes “saber” quem sou ou quem fui como Militar, mas não há Registos correspondentes com o meu nome.



DGA-Ajuda - apresentação em 19Set66 e guia de passagem à Disponibilidade, a 30Set66

Dum modo ou de outro, sempre existiram “Portugueses de segunda classe” e eu estou a descobrir tal facto do modo mais duro. Seguramente ter-se sido Combatente já nos torna Cidadãos de segunda classe.

Eça de Queirós, in “Correspondência” (1891) dizia:

“(...) homens não os há, ou os raros que há são postos na sombra pela política.(...)”

Santos Oliveira

(Que foi) **Sargento Mil APInf e Ranger** disponível do Gen Arnaldo Shulz, Comandante Militar e Governador da Guiné.